



Contos de Fadas
em suas versões originais

INCLUINDO A PEQUENA SEREIA,
BRANCA DE NEVE, CHAPEUZINHO VERMELHO E OUTROS

SEM CENSURA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Contos de Fadas
em suas versões originais

Volume 1

Editora Wish
Organização de Marina Avila e Tamara Queiroz

Capa e Projeto Gráfico: Marina Avila

marina.fantasya.com.br

Tradução: Tamara Queiroz

Ilustrações da capa: Gustave Doré (1832-1883)

Impressão e acabamento: Offset Editora

Editora Wish

www.editorawish.com.br

São Caetano do Sul - SP - Brasil

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Sumário

[Introdução](#)

[Barba Azul](#)

[A Pequena Sereia](#)

[Branca de Neve](#)

[Pele de Asno](#)

[Rapunzel](#)

[Chapeuzinho Vermelho](#)

[A Amendoeira](#)

[A Pequena Vendedora de Fósforos](#)

[Cinderela](#)

[Sapatinhos Vermelhos](#)

Introdução

Nos filmes, histórias e contos atuais para crianças nos vemos cercados de censura. A maldade, ainda que minimamente explorada, é punida; e os bons vivem felizes para sempre. No entanto, não foi sempre assim. Voltando ao período medieval, existem registros de contos e lendas infantis que envolvem violência, canibalismo, automutilação, pedofilia, estupro, incesto e finais bem mais dramáticos do que estamos acostumados a ler.

Os Irmãos Grimm (Jacob (1785–1863) e Wilhelm (1786–1859) transcreveram diversas histórias locais da Europa, que antes eram contadas entre as famílias. Adicionaram romantismo e felicidade, embora ainda tivessem preservado parte da violência.

Hans Christian Andersen (1805–1875), outro famoso autor de contos de fadas, preferia um lado mais sombrio. Em uma de suas histórias mais conhecidas, a Pequena Sereia tem a própria cauda cortada em duas partes para se transformar em belas pernas humanas e assim casar-se com o príncipe.

Charles Perrault (1628–1703) escreveu outras versões dos contos transcritos pelos Grimm e algumas novas lendas, contudo o romantismo e o final feliz são mais comuns em suas obras.

Outras lendas sobreviveram e continuam sem autoria, sendo até hoje modificadas de sua essência. É, portanto, muito difícil dizer qual se manteve mais fiel à original. Sobretudo, a seleção dos contos da coleção Contos de fadas em suas versões originais mantém-se sombria e quase vertiginosa, pois não estamos afeitos a contar ou ouvir lendas com tamanha crueldade ou carnificina.

Humanos como somos, assim como as princesas e os príncipes, fomos criados a buscar e exigir perfeição em nossas vidas. Mulheres são donzelas em perigo necessitando ardentemente de proteção e amor eternos. Homens são guerreiros, a força da espada abrindo o peito do dragão e exaltando seu ego de forma épica.

Somos hoje uma sociedade formada por mulheres carentes e homens insatisfeitos. Não temos o príncipe encantado nem a coroa sobre as nossas cabeças. Arrastamos nossos vestidos de noiva como crianças, cujo véu negro do sonho deformado cega a satisfação pelo real amor independente de exigências. Um amor que aceita as dificuldades não apenas do parceiro que escolhemos para a vida, mas também de pais que não correspondem à nossa época e não sabem lidar com as nossas revoltas juvenis. Somos crianças mimadas criadas por Shakespeare. Somos ciumentos, possessivos e, algumas vezes, cruéis.

As telas de cinema refletem outra realidade que preenche, por algumas horas, o vazio criado por nós. Choramos com os finais felizes de um casal eternamente apaixonado, rico e de boa família. Não temos mais de esfregar o chão como gatas borralheiras ou cuidar dos filhos que esperneiam de fome durante a noite mal dormida. Apenas plantaremos rosas no jardim e brincaremos com as crianças em um dia de sol ao lado do lago. Dormiremos abraçados com o amor de nossas vidas, o coração batendo rápido com a deliciosa sensação de segurança. Nosso maior perigo é um dragão que tenta acabar com nosso amor pela vida com seu hálito de fogo, porém não precisamos fazer muito para que ele seja derrotado. Normalmente, derrotado por outra pessoa senão nós. Uma exteriorização total dos problemas e soluções.

O outro lado das histórias, que aqui é mostrado, também não reflete a realidade. Parte delas foi criada para assustar as crianças de forma a não caminharem sozinhas na floresta.

Na época medieval, uma criança sozinha corria muitos perigos. Hoje em dia, estamos seguros de lobos nas histórias, que são mortos por um corajoso caçador. O problema é que continuamos com os perigos de uma vida de ignorância. Um lobo mau existe e cresce dentro de nossos filhos, que se alimentam de suas decepções. Criamos crianças sem força para viver. Viram mulheres que aceitam violência doméstica e homens que as cometem. O romantismo que aprendemos não corresponde à realidade quando vista de perto, e não suportamos as perdas e danos causados pela vida, ao invés de aprender com eles.

É importante o positivismo descrito nas lendas atuais, se não o deformarmos em exigências. Poderíamos utilizá-los como base para melhorar nossas vidas. Na real, espelhamo-nos na vida alheia, não apenas desejando ser a Cinderela com seus brilhantes cachos loiros, como também a vizinha cujas curvas do corpo são mais bonitas ou o colega de trabalho que ganha mais que nós.

Geramos e vemos a vida perfeita lá fora, exigindo de forma aparentemente justa que o nosso amor seja, dessa vez, perfeito. Que o nosso companheiro seja ainda mais carinhoso e protetor. Que os nossos parentes sejam como fadas-madrinhas, compreendendo e ajudando-nos a crescer.

São muitas vezes pensamentos inconscientes. Só sabemos que estão lá nos perturbando quando sofreremos. O sofrimento é apenas uma forma de conhecer os desejos e sonhos deturpados por uma realidade paralela, fictícia, fantasiosa, que não vai existir enquanto forem criadas falsas esperanças e exigências para ser feliz.

A proposta deste livro é demonstrar que a censura não faz de nós pessoas

melhores, que fechar os olhos para os problemas e enterrá-los debaixo do tapete não nos transforma em realezas. Os contos aqui transcritos também não devem ser usados como base para nossas vidas, pois demonstra o lado sombrio que devemos trabalhar, ao invés de exaltá-lo ou suprimi-lo. A supressão dos nossos medos e ódios é também um problema do período em que vivemos. Não sabemos como trabalhá-los e, como continuamos sentindo e não fomos ensinados a filosofar e digerir para melhorarmos como pessoa, os exportamos ao mundo exterior, voltando ao que foi dito ao longo de toda a introdução.

É uma antologia de curiosidades de uma época diferente da nossa, muito mais obscura, em que havia menos romantismo e mais realismo. Somos bombardeados ainda hoje por histórias que nos causam medo e, por isso, evitam que corramos perigo. Do outro lado, nossa mente corre livre para a cobiça da excelência, o que também nos leva ao risco e, dessa vez, de sofrer decepções. Ou seja, viver tentando ensacar a fumaça só vai nos levar ao outro lado da lenda, em que o medo e a violência são o pedestal de uma história não tão feliz.

Boa leitura!

Barba Azul
Charles Perrault

Era uma vez um homem muito rico que tinha muitas propriedades, todas nobres palácios, na cidade e no campo. Tudo nos castelos era belo e suntuoso, suas baixelas de ouro e prata, as cadeiras estofadas com as mais finas tapeçarias e as carruagens adornadas de ouro. Mas, apesar da riqueza, ele tinha uma tristeza: sua barba era azul. A barba o fazia parecer tão feio e assustador que as moças fugiam quando se deparavam com ele.

Nas redondezas vivia uma distinta dama que tinha duas filhas e ninguém sabia dizer qual delas era a mais bela. O homem pediu a essa senhora que lhe concedesse a mão de uma de suas filhas e deixou que ela mesma escolhesse qual das duas lhe daria. O pedido não agradou a nenhuma delas, pois não queriam se casar com um homem de barba azul. O que tornava a situação ainda mais difícil é que este homem já se casara com muitas mulheres e ninguém sabia o que fora feito das antigas esposas.

A fim de conquistar a amizade da família, Barba Azul levou as duas moças, sua mãe, três ou quatro amigas delas e mais alguns rapazes conhecidos para uma festa em uma de suas casas de campo. A festa durou uma semana inteira e todos se divertiram muito. Fizeram incansáveis passeios, caçadas, pescarias, danças e banquetes. Os convidados estavam tão ocupados pregando peças uns nos outros e se embriagando que a mais jovem das duas irmãs começou a achar o senhor da barba azul um bom sujeito. Assim que retornaram à cidade, celebraram o casamento.



Um mês se passou e Barba Azul disse à sua esposa que viajaria para tratar de alguns negócios importantes nas províncias. Ele ficaria fora por pelo menos

seis semanas e insistiu para que se divertisse na sua ausência. E se lhe agradasse, poderia convidar seus amigos mais próximos para passar um tempo na casa de campo. Qualquer coisa para mantê-la de bom humor.

Ele entregou à esposa uma argola cheia de chaves e descreveu: “Estas são as chaves dos dois grandes armazéns onde guardo meu ouro e minha prata. Esta outra é de onde estão as baixelas que não são de uso diário, esta do quarto onde guardo todas as jóias. E, finalmente, esta é a chave mestra para todos os aposentos do palácio. Quanto a esta chave particular, ela abre o gabinete no final da longa galeria do térreo. Abra o que quiser. Vá a qualquer lugar que desejar. Mas proíbo-lhe terminantemente de entrar naquele quartinho e, se abrir nem que seja uma fresta da porta, nada irá protegê-la da minha ira”.



A mulher prometeu seguir exatamente as ordens dadas por seu marido. Barba Azul lhe deu um beijo de despedida, entrou na carruagem e partiu para sua jornada.

Amigos e vizinhos da recém-casada ansiosos por conhecer o fausto do palácio não pensaram duas vezes quando esta lhes fez o convite. Enquanto o marido estava por lá, eles não se atreveram a visitá-la, pois aquela barba azul os

amedrontava. Sem perder tempo começaram a explorar tudo que encontravam: os salões ricamente decorados, os quartos, os armários e roupeiros, cada um mais esplêndido e suntuoso que o outro. Ficavam boquiabertos diante de tanta riqueza e de tamanha beleza das tapeçarias, camas, sofás, pratarias, cristaleiras e cristais, tecidos, louças das mais finas. Havia espelhos em que a pessoa poderia ver-se da cabeça aos pés. Alguns espelhos tinham moldura de vidro, outros de prata, outros eram bisotados, mas todos eram os mais grandiosos e magníficos que já tinham visto.

Os convidados morriam de inveja da amiga e elogiavam tudo o que viam na casa. Esta, porém, era incapaz de desfrutar de qualquer destas riquezas, pois estava ansiosa para entrar no gabinete do piso térreo. Ela estava tão atormentada por sua curiosidade que, sem perceber que era uma falta da anfitriã abandonar seus convidados, correu a escada tão depressa que quase quebrou o pescoço. Por fim, chegou à porta da saleta e parou por um momento, considerando quais poderiam ser as consequências de seu ato, desobedecendo à veemente proibição do seu marido. A tentação era grande demais e ela foi incapaz de resistir. Tremendo de emoção, pegou a pequena chave e abriu a porta.

No início, ela não conseguia ver nada, pois as janelas estavam fechadas. Aos poucos seus olhos foram se acostumando à escuridão e começou a perceber que o assoalho estava pegajoso com sangue coagulado e, pior ainda, naquele sangue se refletia corpos de mulheres mortas, as antigas esposas do Barba Azul, dependurados nas paredes, degoladas e enfileiradas em um espetáculo macabro e aterrador.

A esposa ficou paralisada de pavor e ao puxar a chave da fechadura, esta caiu de sua mão trêmula. Depois de recobrar os sentidos, apanhou a chave, trançou a porta e subiu até o seu quarto para se recompor. Esforço em vão, seus nervos estavam em frangalhos, naquele momento nada conseguiria tranquilizá-la. Foi, então, quando percebeu que a chave do soturno gabinete estava manchada de sangue. Esfregou-a duas ou três vezes, mas o sangue não saía. Tentou lavá-la com areia e sabão e ainda assim a mancha não saía, pois a chave era encantada e não havia maneira de remover aquele sangue. Bastava limpar o sangue de um lado da chave que ele reaparecia no outro.

Naquela mesma noite, Barba Azul voltou inesperadamente de sua viagem dizendo que seus negócios se resolveram antes do que pensava, auferindo grandes lucros. Sua esposa fez tudo que pôde para demonstrar que estava radiante com o seu regresso antecipado. Na manhã seguinte, ele pediu de volta as chaves e ela as devolveu, mas suas mãos tremiam tanto que ele adivinhou imediatamente o que acontecera na sua ausência.



— Onde está a chave do gabinete? – perguntou. — Por que não está junto com as demais?

— Devo tê-la deixado em cima da minha penteadeira.

— Não se esqueça de devolvê-la logo mais – disse Barba Azul.

A esposa tentou o quanto pôde esquivar-se de devolver a chave, até que não foi mais possível. Barba Azul recebeu a chave e após examiná-la muito bem, disse:

— Por que a chave está manchada de sangue?



— Não tenho a menor ideia – respondeu a pobre mulher, pálida como a morte.

— Você não tem ideia, mas eu tenho – replicou Barba Azul. — Você me desobedeceu e entrou no gabinete. Bem, agora, minha senhora, já que você abriu, tomará o seu lugar ao lado das mulheres que lá viu.

Em prantos a pobre mulher se atirou aos pés do marido, chorando e implorando perdão, jurando arrependimento genuíno por tê-lo desobedecido. O seu sofrimento teria comovido um coração de pedra, mas o coração de Barba Azul era mais rigoroso do que um rochedo.

— Senhora, você deve morrer – o perverso declarou. — Sua hora chegou!

— Já que não há escapatória – ela respondeu, fitando-o com os olhos cheios de lágrimas. — Dá-me apenas algum tempo para que eu possa fazer minhas orações.

— Vou dar-lhe um quarto de hora – disse o marido. — Mas nem um segundo a mais.

Quando a mulher ficou sozinha, chamou sua irmã e disse-lhe:

— Irmã Ana – pois esse era seu nome. — Eu imploro, suba para o topo da torre e veja se nossos irmãos estão a caminho daqui. Eles prometeram me fazer uma visita ainda hoje. Se você avistar um deles, faça um sinal para que se apressem.

Ana subiu rapidamente ao alto da torre e de vez em quando ouvia a pobre mulher perguntar desesperada:

— Ana, querida irmã Ana, não está vendo ninguém chegar?

E a irmã respondia:

— Não vejo nada, apenas o sol ofuscante e o capim verdejante.

Nesta hora, Barba Azul pegou um sabre enorme e gritou a plenos pulmões:

— Desça já, ou subirei aí para buscá-la.

— Apenas me dê mais um segundo, eu imploro – sua esposa respondeu e logo sussurrou:

— Ana, querida irmã Ana, você vê alguém vindo para cá?

— Não, ó não, querida irmã, apenas um rebanho de ovelhas.

— Trate de descer depressa – berrou Barba Azul.

— Só mais um segundo – respondeu a esposa que gritou:

— Ana, querida irmã Ana, você vê alguém vindo para cá?

— Eu vejo dois cavaleiros vindo para cá, mas ainda estão muito longe – ela respondeu. Um momento depois, gritou:

— Graças a Deus, são nossos irmãos. Estou fazendo todos os sinais possíveis para que se apressem.

Barba Azul rugiu tão alto que a casa inteira estremeceu. Sua infeliz esposa desceu as escadas aos prantos com os cabelos revoltos e se atirou aos pés do marido.

— Nada que você faça poderá me comover – disse Barba Azul. — Prepare-se para morrer.

Com uma mão a agarrou pelos cabelos e com a outra ergueu o sabre no ar, pronto para lhe cortar a cabeça. A pobre mulher se virou para ele e, com os olhos esmaecidos, suplicou que lhe desse um momento para se preparar para a morte.



— Não, não – disse Barba Azul. — Prepare-se para conhecer o seu criador. E erguendo o braço...

Nesse instante bateram à porta com tanta força que Barba Azul ficou simplesmente paralisado. A porta foi arrombada com violência e por ela

entraram dois soberbos cavaleiros que, empunhando as espadas, galoparam em direção a Barba Azul. Reconhecendo os irmãos de sua mulher – um era um dragão e o outro um mosqueteiro – fugiu na esperança de escapar, mas os dois irmãos não tiveram misericórdia e atravessaram seu corpo com as espadas e o deixaram cair morto. A esposa completamente extenuada mal teve forças para se levantar e abraçar os irmãos.

Descobriu-se que Barba Azul não havia deixado herdeiros e assim a mulher recebeu a posse de todos os seus bens. Ela empregou parte de sua fortuna para casar a irmã Ana com um jovem fidalgo que estava profundamente apaixonado por ela. Outra parte empregou para ajudar seus dois irmãos. E o restante usou para se casar com um nobre homem, que a ajudou a banir a memória dos dias terríveis que passou com Barba Azul.

A Pequena Sereia
Hans Christian Andersen

Bem no fundo do mar a água é azul como as pétalas das mais bonitas centáureas e pura como o cristal mais transparente. Mas é tão profundo, mais tão profundo do que qualquer âncora pode alcançar. Seria preciso empilhar uma quantidade de torres de igreja, umas sobre as outras, a fim de verificar a distância que vai do fundo à superfície. Lá é a morada do povo do mar.

Agora, não pense nem por um instante que não há nada lá além de areia nua e branca. Oh, não! As mais maravilhosas árvores e plantas crescem no fundo do mar. Seus talos e folhas são tão leves que o menor movimento da água faz com eles se agitem, como se estivessem vivos. Todos os peixes, grandes e pequenos, deslizam por entre seus galhos, assim como os pássaros o fazem no ar. No lugar mais profundo está o castelo do rei do mar, cujos muros são feitos de coral, e as janelas compridas e pontudas são feitas do mais claro âmbar. O teto é formado de conchas que se abrem e fecham com a corrente. É uma visão linda. Cada concha encerra uma pérola deslumbrante e a menor delas honraria a mais bela coroa de qualquer rainha.

Há muitos anos que o rei do mar estava viúvo e sua velha mãe mantinha a casa. Era uma mulher inteligente, mas orgulhosa de sua linhagem. Era por isso que usava doze ostras em sua cauda, enquanto todos os outros de alta posição tinham de se contentar com seis. Sobre outros aspectos, ela merecia elogios pelos cuidados que tinha para com as suas netas bem-amadas: as princesinhas do mar. Eram seis lindas crianças e a mais moça era a mais encantadora. Sua pele era clara e delicada como uma pétala de rosa. Seus olhos eram azuis como um lago profundo. Todavia, como todas as outras, não tinha pés e seu corpo terminava numa longa cauda de peixe.

Durante o dia inteiro, as princesas do mar brincavam nos grandes salões do castelo, onde flores viçosas cresciam direto das paredes. As grandes janelas de âmbar ficavam abertas e os peixes entravam por elas nadando, assim como as andorinhas entram voando em nossas casas quando abrimos as janelas. Os peixes deslizavam até as princesinhas, comiam em suas mãos e aguardavam um afago.

Fora do castelo havia um belo jardim com árvores de um azul penetrante e de um vermelho flamejante. Seus frutos cintilavam como ouro e suas flores, agitando sem cessar seus talos e suas folhas, assemelhavam-se a labaredas. O próprio solo era da mais fina areia, porém azul como uma chama de enxofre.

Um singular fulgor azulado envolvia tudo que estava à vista. Se você estivesse lá embaixo, não saberia que estava no fundo do mar, sem nada além do céu acima e abaixo de você. Quando havia calma, era possível vislumbrar o sol, que parecia uma flor púrpura de cujo cálice jorrava luz.

Cada uma das princesinhas tinha seu próprio terreno no jardim, no qual podia cavar e plantar a seu bel-prazer. Uma arrumou seu canteiro de flores na forma de uma baleia; outra achou mais interessante moldar o seu como uma sereiazinha; mas a caçula fez o seu bem redondo como o sol e só quis flores rubras como o brilho dele. Era uma criança curiosa, sossegada e pensativa. Enquanto as irmãs adornavam seus jardins com as coisas maravilhosas que obtinham de navios naufragados, ela não admitia nada além de flores rosa-avermelhadas que eram como o sol lá no alto e uma estátua de mármore. A estátua era de um encantador rapaz, esculpida em pura pedra branca, que havia descido ao fundo do mar depois de um naufrágio. Perto dela a princesinha havia plantado um salgueiro cor-de-rosa, que cresceu esplendidamente e deixava sua fresca folhagem cobrir a estátua até o solo azul, arenoso, do oceano. Sua sombra ganhava um matiz violeta e, como os ramos, nunca ficava parada. As raízes e a copa da árvore pareciam estar sempre brincando, tentando beijar um ao outro.



Não havia nada de que as princesas gostassem mais do que ouvir sobre o mundo dos seres humanos, acima do mar. Sua vovozinha lhes contava tudo o que

sabia sobre os navios e as cidades, as pessoas e os animais. Uma coisa em especial as impressionavam com sua beleza: saber que as flores exalavam uma fragrância – não havia nenhuma no fundo do mar – e também que as árvores na floresta eram verdes e que os peixes que voavam nas árvores sabiam cantar tão docemente que era um prazer ouvi-los. A avó chamava os passarinhos de peixes. De outro modo, as princesinhas do mar, que nunca tinham visto um pássaro, não a teriam compreendido.

— Quando vocês completarem quinze anos – disse a avó –, vamos deixá-las subir até a superfície e se sentar nos rochedos à luz do luar, para ver os grandes navios passarem. Verão florestas e também cidades.

No ano seguinte, uma das irmãs completaria quinze anos, mas as outras... – bem, cada uma era um ano mais nova que a outra, de modo que a mais nova teria de esperar nada menos que cinco anos para subir das profundezas do mar para a superfície e ver como são as coisas por aqui. Mas cada uma prometia contar às outras tudo que visse e o que lhe parecia mais interessante naquela primeira visita, pois nunca estavam satisfeitas com o que a avó contava. Havia uma infinidade de coisas sobre as quais ansiavam ouvir.

Nenhuma das sereias era mais curiosa do que a caçula, e era também ela, tão quieta e pensativa, a que tinha de suportar a mais longa espera. Em muitas noites ela se postava à janela aberta e fitava, através das águas azul-escuras, os peixes sacudir suas nadadeiras e caudas. Olhava bem para o alto e podia ver a lua e as estrelas, embora sua luz fosse muito pálida – através da água, pareciam muito maiores que aos nossos olhos. Se uma nuvem escura passava acima dela, sabia que era uma baleia que nadava sobre a sua cabeça ou um navio cheio de passageiros. Aquelas pessoas nem sonhavam que uma sereiazinha estendia suas mãos brancas para o casco do navio que fendia as águas.

Assim que fez quinze anos, a mais velha das princesas foi autorizada a subir à superfície do oceano. Quando voltou, tinha dezenas de coisas para contar.

— O mais delicioso – ela disse – foi ficar deitada em um banco de areia perto da praia numa noite de lua, com o mar calmo. Foi possível contemplar a grande cidade, onde as luzes brilhavam como milhares de estrelas. Podia ouvir músicas harmoniosas e o ruído de carros e pessoas. Podia ver todas as torres das igrejas e ouvir os sinos tocando – e exatamente por não ter chegado perto de todas essas maravilhas, ansiava ainda mais por todas elas.



Oh, como a irmã caçula bebia aquelas palavras! E, mais tarde, à noite, ficou junto à janela aberta fitando através das águas azul-escuras, pensando na cidade grande com seus ruídos e luzes, e até imaginou ouvir os sinos das igrejas tocando para ela.

No ano seguinte, a segunda irmã teve permissão para subir mar acima e nadar onde quisesse. Chegou à superfície bem na hora do pôr do sol.

— Foi a visão mais bela de todas – ela contou. — Todo o céu parecia ouro e as nuvens... – bem, ela simplesmente não conseguia descrever como eram lindas ao passar, em tons de carmesim e violeta, sobre sua cabeça.

Mais veloz ainda que as nuvens, um bando de cisnes selvagens voou como um longo e branco véu sobre a água, rumo ao sol poente. Ela nadou nessa direção, mas o sol se pôs e sua luz rósea foi engolida pelo mar e pela nuvem.

Depois chegou a vez da terceira irmã. Era a mais ousada de todas e nadou até um largo rio que desaguava no mar. Avistou admiráveis colinas verdes cobertas com videiras; castelos e fazendas situados no meio de florestas soberbas e imensas; ouviu o canto dos pássaros; e o sol era tão quente que teve de mergulhar muitas vezes na água para refrescar o rosto ardente. Numa pequena enseada, topou com um bando de criancinhas humanas, divertindo-se, completamente nuas, na água. Quis brincar com elas, mas ficaram aterrorizadas e fugiram. Depois um animalzinho preto foi até a água. Era um cachorro, mas nunca tinha visto um. O animal latiu tanto que ela ficou assustada e nadou para o mar aberto. Mas disse que jamais esqueceria a magnífica floresta, as colinas verdes e as lindas criancinhas que sabiam nadar, embora não possuíssem caudas.

A quarta irmã não foi tão ousada. Preferiu ficar no meio do mar selvagem, onde a vista se perdia ao longe, mas foi exatamente isso, ela lhes contou, que tornou sua visita tão maravilhosa. Podia ver por milhas e milhas ao seu redor, e o

céu se arredondava em volta da água como um grande sino de vidro. Vira navios, mas a uma distância tão grande que pareciam gaivotas. Os golfinhos brincavam nas ondas e as baleias esguichavam água tão poderosamente de suas narinas que pareciam estar cercadas por uma centena de chafarizes.

E agora era a vez da quinta irmã. Como seu aniversário caía no inverno, ela viu coisas que as outras não tinham visto da primeira vez. O mar perdera sua cor azul e adquirira um tom esverdeado e sobre ele flutuavam enormes icebergs.



— Cada um parecia uma pérola – ela disse –, mas eram mais altos que as torres de igrejas construídas pelos seres humanos.

Apareciam nas formas mais fantásticas e brilhavam como diamantes. Ela se sentara num dos maiores icebergs e todos os navios pareciam ter medo dele, pois passavam navegando rapidamente e muito distante do lugar onde ela estava sentada, com o vento graçejando seus longos cabelos.

Mais tarde naquela noite, uma tempestade cobriu o céu de nuvens. Trovões estrondeavam, relâmpagos chispavam e as ondas escuras elevavam os enormes blocos de gelo tão alto que os tiravam da água, fazendo-os reluzir na intensa luz

vermelha. Todos os navios recolheram as velas e em meio ao horror e ao alarme geral, a sereia permaneceu sentada tranquilamente no iceberg flutuante, vendo os relâmpagos azuis zigzaguearem no mar resplandecente.



Na primeira vez que as irmãs subiram à superfície, ficaram encantadas de

ver tantas coisas novas e bonitas. Porém, quando ficaram mais velhas e podiam emergir sempre que queriam, mostravam-se menos entusiasmadas. Sentiam saudade do fundo do mar. E depois de um mês diziam que, afinal de contas, era muito mais agradável lá embaixo – era tão reconfortante estar em casa. No entanto, muitas vezes, ao entardecer, as cinco irmãs davam-se os braços e flutuavam juntas. Suas vozes eram encantadoras, como nenhuma criatura humana poderia possuir.

Antes da aproximação de uma tempestade, quando esperavam o naufrágio de um navio, as irmãs costumavam nadar diante do barco e cantar docemente as delícias das profundezas do mar. Diziam aos marinheiros para não terem medo de mergulhar até o fundo, mas eles nunca entendiam suas canções. Pensavam estar ouvindo os uivos da tempestade e nunca viam as maravilhas que as sereias prometiam. E assim que o navio afundava, os homens se afogavam e somente seus cadáveres chegavam até o palácio do rei do mar.

Quando as irmãs subiam pela água de braços dados, a caçula sempre ficava para trás, sozinha, acompanhando-as com os olhos. Teria chorado, mas as sereias não têm lágrimas e sofrem muito mais que nós.



— Oh! Se pelo menos eu tivesse quinze anos – ela dizia. — Sei que vou gostar muito do mundo lá de cima e de todas as pessoas que vivem nele.

Então, finalmente, ela fez quinze anos.

— Bem, agora você logo escapará das nossas mãos – disse a velha rainha, sua avó. — Venha, deixe-me vesti-la como suas outras irmãs.

E pôs no seu cabelo uma coroa de lírios brancos em que cada pétala de flor era metade de uma pérola. Depois a velha senhora mandou trazer oito grandes ostras para prender firmemente na cauda da princesa e mostrar sua alta posição.

— Ai! Isso doi – disse a Pequena Sereia.

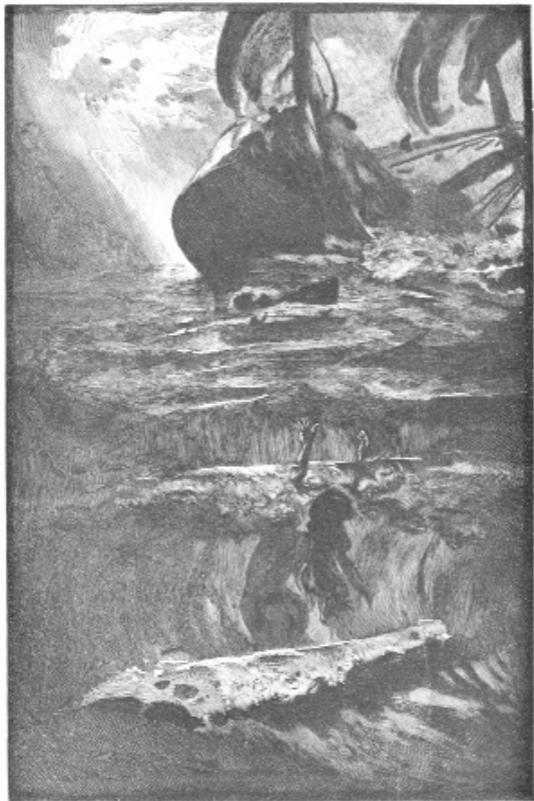
— Sim, a beleza tem seu preço – respondeu a avó.

Como a Pequena Sereia teria gostado de se livrar de todos aqueles adornos e pôr de lado aquela pesada coroa! As flores vermelhas de seu jardim assentavam-lhe muito melhor, mas não ousou fazer nenhuma alteração.

— Adeus! – disse ao subir pela água tão leve e límpida quanto as bolhas se elevam à superfície.

O sol acabara de se pôr quando ela ergueu a cabeça sobre as ondas, mas as nuvens ainda estavam tingidas de carmesim e ouro. No alto do céu pálido e rosado, a estrela vespertina iluminava clara e vívida. O ar estava ameno e fresco, e o mar aprazível. Um grande navio de três mastros estava à deriva na água, com apenas uma vela içada porque o vento estava brando. Os marinheiros estavam refestelados no cordame ou nas jardas. Havia música e canto a bordo, e quando escureceu uma centena de lanternas foi acesa. Com suas muitas cores, tinha-se a impressão de que as bandeiras de todas as nações flutuavam no ar.

A Pequena Sereia nadou até a escotilha da cabine e, cada vez que uma onda a levantava, podia ver através do vidro transparente uma quantidade de homens magnificamente trajados. O mais belo deles era um jovem príncipe, com grandes olhos escuros. Não tinha mais de dezesseis anos. Era seu aniversário e era por isso que havia tanto alvoroço. Quando o jovem príncipe saiu para o convés, onde os marinheiros estavam dançando, mais de uma centena de foguetes zuniram rumo ao céu num esplendor, tornando o céu tão brilhante quanto o dia. A Pequena Sereia ficou tão assustada que mergulhou, se escondendo sob a água. Mas rapidamente pôs a cabeça para fora de novo. E veja! Parecia que as estrelas lá do céu estavam caindo sobre ela. Nunca vira fogos de artifícios. Grandes sóis rodopiavam ao seu redor; lindos peixes de fogo refulgentes lançavam-se no ar azul, e todo esse brilho se refletia nas águas claras e calmas embaixo. O próprio navio estava tão deslumbrantemente iluminado que se podiam ver não só todas as pessoas que lá estavam como a corda mais fina. Que elegante parecia o jovem príncipe quando apertava as mãos dos marinheiros! Ele ria e sorria enquanto a música soava pelo ar da noite agradável.



Já era muito tarde, mas a Pequena Sereia não conseguia tirar os olhos do navio ou do belo príncipe. As lanternas coloridas se apagaram; os foguetes não mais subiam no ar; e o canhão cessara de dar tiros. Mas o mar estava inquieto e era possível ouvir um som queixoso sob as ondas. Ainda assim, a Pequena Sereia continuou na água, balançando-se para cima e para baixo para olhar a cabine. O navio ganhou velocidade; uma após outra as suas velas foram desferidas. As ondas cresciam, nuvens negras se agrupavam no céu e relâmpagos faiscavam a distância. Uma terrível tempestade estava se formando. Por isso os marinheiros recolheram as velas, enquanto o vento sacudia o grande navio e o arrastava pelo mar impetuoso. As ondas subiam mais e mais altas, até se assemelharem a enormes montanhas, ameaçando derrubar o mastro. Mas o navio mergulhava como um cisne entre elas e voltava a subir em cristas sublimes e espumosas. A Pequena Sereia pensou que devia ser divertido para um navio navegar daquele jeito, mas a tripulação pensava diferente. O barco gemia e rangia; suas pranchas sólidas rompiam-se sob as violentas pancadas do mar; o mastro partiu-se ruidosamente em dois, como um junco. O navio inclinou quando a água se precipitou no porão.

De repente a Pequena Sereia percebeu que o navio estava em perigo. Ela mesma tinha de ter cuidado com as vigas e os destroços à deriva. Em certos momentos ficava tão escuro que não conseguia enxergar nada, mas, então, o clarão de um relâmpago iluminou todos a bordo. Agora era cada por um si. Ela estava à procura do jovem príncipe e, no momento em que o navio estava se partindo, viu-o desaparecer nas profundezas do mar. Por um instante, ficou bastante entusiasmada, pois pensou que agora ele poderia viver no seu mundo. Mas logo se lembrou que os seres humanos não vivem debaixo d'água e que ele só chegaria morto ao palácio de seu pai. Não, não, ele não podia morrer. Assim ela nadou entre os destroços que o mar arrastava, indiferente ao perigo de ser esmagada. Mergulhava profundamente e emergia das ondas, e finalmente encontrou o jovem príncipe. Ele mal conseguia nadar no mar tempestuoso. Seus membros fraquejavam; seus belos olhos estavam fechados; e certamente teria se afogado se a Pequena Sereia não tivesse ido a seu socorro. Ela segurou-lhe a cabeça acima da água e abandonou-se com ele aos caprichos das ondas.



Quando amanheceu a tempestade cessara e não havia rastro do navio. O sol despontou da água, vermelho e resplandecente, e pareceu devolver a cor às faces do príncipe; mas os olhos dele permaneciam fechados. A sereia beijou-lhe a fronte e ajeitou-lhe para trás o cabelo molhado. Aos seus olhos, ele parecia a estátua de mármore que tinha em seu jardimzinho. Beijou-o de novo e fez um pedido para que ele pudesse viver.

Logo a sereia viu diante de si terra firme, com suas majestosas montanhas azuis, no alto das quais brilhava a branca neve, parecendo cisnes aninhados. Perto da costa havia adoráveis florestas verdes e junto a uma delas erguia-se um prédio alto, se era uma igreja ou um convento ela não sabia dizer. Limoeiros e laranjeiras cresciam no jardim e ao lado da porta havia três altas palmeiras. A pequena baía se formava nesse ponto e a água era plenamente calma, embora muito profunda. A sereia nadou com o belo príncipe até a praia, coberta de fina areia branca. Ali colocou o príncipe sob o sol quente, fazendo um travesseiro de areia para sua cabeça.



Sinos soaram do prédio branco e várias moças apareceram no jardim. A Pequena Sereia afastou-se nadando para bem longe da praia e escondeu-se atrás de uma pedra grande que se elevava acima da água. Cobriu o cabelo e o peito com espuma do mar para que ninguém pudesse vê-la. Depois ficou espiando para ver quem ajudaria o pobre príncipe.

Não demorou muito e surgiu uma jovem. Pareceu muito assustada, mas só por um instante, e correu para buscar ajuda. A sereia viu o príncipe voltar a si, e ele sorriu para todos ao seu redor. Mas não havia nenhum sorriso para ela, pois ele não tinha ideia de quem o salvara. Depois que foi levado para o prédio, a Pequena Sereia se sentia tão infeliz que mergulhou de volta para o palácio do pai.

Ela sempre fora silenciosa e pensativa, mas agora estava mais do que nunca. Suas irmãs lhe perguntaram o que vira durante sua primeira visita à superfície, mas ela não lhes contava nada. Em muitas manhãs e entardeceres, subia até o local onde deixara o príncipe. Viu as frutas do jardim amadurecerem e observou-as serem colhidas. Viu a neve derreter nos picos. Mas nunca via o príncipe e por isso sempre voltava para casa ainda mais cheia de tristeza do que antes. Seu único consolo era ficar em seu jardimzinho, com os braços em torno da estátua de mármore, tão parecida com o príncipe. Nunca mais cuidou das suas flores, que se espalhavam selvagememente ao longo dos caminhos, entrelaçando

seus longos galhos nos ramos das árvores, até obscurecer tudo.

Por fim, ela não conseguiu mais guardar aquilo consigo e contou tudo a uma de suas irmãs. Logo as outras ficaram sabendo, mas ninguém mais, exceto algumas outras sereias que não diriam nada a ninguém a não ser as suas melhores amigas. Uma delas foi capaz de lhe dar notícias sobre o príncipe. Ela também vira os festejos realizados a bordo e disse mais sobre o príncipe e a localização de seu reino.

— Venha, irmãzinha — disseram as outras princesas. E com os braços nos ombros uma das outras, subiram em uma longa fila até a superfície, bem diante do lugar onde se erguia o castelo do príncipe.

O castelo, construído de uma pedra amarela e luzidia, tinha longas escadarias de mármore, sendo que um dos degraus levava direto para o mar. Esplêndidas cúpulas douradas elevavam-se do teto e entre as colunas que cercavam toda a construção havia esculturas de mármore que pareciam vivas. Através do vidro transparente das altas janelas era possível ver magníficos aposentos ornados com suntuosas cortinas de seda e tapeçarias. As paredes eram cobertas com enormes pinturas e era um prazer contemplá-las. No centro do maior salão havia uma fonte que lançava seus jorros espumantes até a cúpula de vidro do teto, através do qual o sol brilhava na água e nas belas plantas que cresciam ali.

Agora que sabia onde o príncipe vivia, passava muitos pôr do sol e muitas noites naquele lugar. Nadava até muito mais perto da costa do que as outras ousavam. Chegou a avançar pelo estreito canal para ir até a varanda de mármore que projetava uma longa sombra sobre a água. Ali ela se sentava e observava o jovem príncipe, que pensava estar completamente só ao clarão da lua.

Muitas vezes, à noite, a Pequena Sereia o via sair ao mar em seu esplêndido barco, com bandeiras hasteadas, ao som de música harmoniosa. Espiava do meio dos juncos verdes e quando o vento levantava o longo véu branco e prateado do seu cabelo, e pessoas a viam, imaginavam apenas que era um cisne, estendendo as asas.

Em muitas noites, quando os pescadores saíam em alto mar com suas tochas, ela os ouvia elogiar o jovem príncipe, e suas palavras a deixavam ainda mais feliz por lhe ter salvado a vida. E ela recordava como aninhara a cabeça dele em seu peito e com que carinho o beijara. Mas ele não sabia nada disso e nunca sequer sonhara que ela existia.

A Pequena Sereia foi se afeiçoando mais e mais dos seres humanos e ansiava profundamente pela companhia deles. O mundo em que viviam parecia

tão mais vasto que o seu próprio. Veja, eles podiam navegar o oceano em navios e escalar montanhas íngremes bem acima das nuvens. E as terras que possuíam, suas florestas e seus campos, se estendiam muito além de onde sua vista alcançava. Havia uma porção de outras coisas que ela teria gostado de saber e suas irmãs não eram capazes de responder a todas as suas curiosidades. Por isso foi visitar sua velha avó, que sabia tudo sobre o mundo superior, como chamava tão apropriadamente os países acima do mar.



— Quando não se afogam – perguntou a Pequena Sereia –, os seres humanos podem continuar vivendo para sempre? Não morrem como nós, aqui embaixo no mar?

— Sim, sim – respondeu a velha senhora. — Eles também terão que morrer e seu tempo de vida é mais curto que o nosso. Nós por vezes alcançamos a idade de trezentos anos, mas quando nossa vida aqui chega ao fim, simplesmente nos transformamos em espuma na água. Aqui não temos túmulos daqueles que amamos. Não temos uma alma imortal e nunca teremos outra vida. Nós somos como o junco verde. Uma vez cortado, cessa de crescer. Mas os seres humanos têm almas que vivem para sempre, mesmo depois que seus corpos se transformam em pó. Elas voam através do ar puro até chegarem às estrelas brilhantes. Assim como subimos à flor da água e contemplamos as terras dos seres humanos, assim eles atingem belos reinos desconhecidos – regiões que nunca conherecemos.

— Por que não podemos ter uma alma imortal? – a Pequena Sereia perguntou angustiada. — Eu daria de boa vontade todos os trezentos anos que tenho para viver se pudesse me tornar uma humana por apenas um dia e participar do mundo celestial.

— Você não deveria se preocupar com isso. Somos muito mais felizes e vivemos melhor aqui do que os seres humanos lá em cima.

— Então estou condenada a morrer e flutuar como espuma do mar, a nunca mais ouvir a música das ondas ou ver as lindas flores e o sol vermelho? Não há nada que eu possa fazer para conquistar uma alma imortal?

— Não – disse a velha senhora. — Só se um ser humano a amasse tanto que você importasse mais para ele que pai e mãe. Se ele a amasse de todo o coração e deixasse o padre pôr a mão direita sobre a sua como uma promessa de ser fiel e verdadeiro por toda a eternidade. Nesse caso, a alma dele deslizaria para dentro do seu corpo e você, também, obteria uma parcela da felicidade humana. Ele lhe daria uma alma e, no entanto, conservaria a dele próprio. Mas isso jamais acontecerá. Sua cauda de peixe, que achamos tão bonita, parece repulsiva à gente da terra. Sabem tão pouco sobre isso que acreditam realmente que as duas desajeitadas escoras que chamam de pernas são belas.

A Pequena Sereia suspirou e olhou melancolicamente para sua cauda de peixe.

— Devemos ficar satisfeitas com o que temos – disse a velha senhora. — Vamos dançar e nos alegrar durante os trezentos anos de nossa existência, isso é realmente muito tempo. Depois da morte, poderemos descansar e pôr o sono em dia. Hoje teremos um baile na corte.

Não se pode fazer ideia na terra de tal magnificência. As paredes e o teto do grande salão do baile eram feitos de cristal espesso, mas transparente. Centenas de conchas enormes, rosa-vermelho e verde-relva, dispostas de cada lado, cada uma com uma chama azul que iluminava todo o salão, e, luzindo através das paredes, iluminavam também o mar. Inúmeros peixes, grandes e pequenos, podiam ser vistos nadando em direção às paredes de cristal. As escamas de alguns fulgiam com um brilho púrpura-avermelhado e as de outros como prata e ouro. No meio do salão corria um grande rio nos quais moluscos e sereias dançavam ao seu próprio som melodioso.

Nenhum ser humano tem voz tão encantadora. Ninguém cantava mais docemente que a Pequena Sereia e todos a aplaudiram. Por um instante houve alegria em seu coração, pois ela sabia que tinha a voz mais bela em terra ou no mar. Mas em seguida seus pensamentos se voltaram para o mundo acima dela.

Não conseguia esquecer o belo príncipe e a grande dor de não ter a alma imortal que ele possuía. Assim, se arrastou para fora do palácio do pai e, enquanto todos lá dentro cantavam e se divertiam, foi se sentar em seu jardimzinho, desolada.

De repente, ela ouviu o som de uma buzina ecoando através da água e pensou:



— Ah, lá vai ele, navegando lá em cima. Aquele a quem amo mais do que meu pai ou minha mãe, ele que está sempre em meus pensamentos e em cujas mãos eu confiaria alegremente minha felicidade. Arriscaria qualquer coisa para conquistá-lo e a uma alma imortal. Enquanto minhas irmãs dançam no castelo de meu pai, vou à procura da feiticeira do mar. Sempre tive um terrível medo dela, mas talvez possa me ajudar e me dizer o que fazer.

E assim a Pequena Sereia deixou seu jardim e partiu para onde a feiticeira morava, no lado mais distante dos redemoinhos espumantes. Nunca estivera lá antes. Naquele lugar não cresciam flores nem relva do mar. Não havia nada além do fundo arenoso cinzento que se estendia até os turbilhões, onde a água rodopiava com o estrondo da roda de moinho e sugava para as profundezas tudo que podia. Tinha de passar pelo meio desses furiosos torvelinhos para chegar até a feiticeira do mar. Por um longo trecho não havia outro caminho senão pela lama quente e borbulhante – que a feiticeira chamava de seu charco.



A casa da feiticeira ficava atrás do charco, no meio de uma floresta

quimérica. Todas as árvores e arbustos eram verdadeiros pólipos, metade animal e metade vegetal. Pareciam serpentes de cem cabeças crescendo do solo. Tinham galhos que pareciam braços longos viscosos, com dedos tão flexíveis que eram semelhantes a vermes. Nó por nó, da raiz até a ponta, estavam constantemente em movimento e agarravam hermeticamente qualquer coisa que poderiam aproveitar do mar, e não soltavam mais. A Pequena Sereia ficou apavorada e se deteve à beira da mata. Seu coração palpitava de medo e ela esteve prestes a desistir. Mas então se lembrou do príncipe e da alma humana e retomou sua coragem. Ela prendeu em torno da cabeça seu longo e esvoaçante cabelo para que os pólipos não a pudessem agarrar. Depois cruzou os braços sobre o peito e disparou adiante como um peixe lançado na água, no meio dos sórdidos pólipos, que estendiam em sua direção seus braços e dedos buliçosos. Ela notou como cada um deles havia agarrado algo e imobilizava firmemente, com uma centena de pequenos braços que pareciam aros de ferro. Esqueletos brancos de seres humanos que haviam perecido no mar e afundado nas águas profundas olhavam dos braços dos pólipos. Lemes e arcas de navios estavam fortemente agarrados em seus braços, juntamente com esqueletos de animais terrestres e – o mais terrível de tudo – uma sereiazinha, que eles haviam capturado e estrangulado.

Chegou então a um grande charco lodoso, onde enormes e corpulentas cobras-d'água ondeavam-se no lamaçal, mostrando seus horrendos ventres amarelo-esbranquiçado. No meio do charco havia uma casa, construída com os ossos de humanos naufragados. Lá estava a feiticeira do mar, deixando um sapo se alimentar na sua boca, assim como as pessoas nutrem às vezes um canário com um torrão de açúcar. Ela chamava as asquerosas cobras-d'água de seus pintinhos e deixava-as rastejar sobre seu peito.

— Eu sei exatamente o que você deseja – disse a feiticeira do mar. — Como você é estúpida! Mas você deve seguir seu caminho, que vai lhe trazer infortúnio, minha linda princesa. Você quer se livrar de sua cauda de peixe e no lugar ter um par de tocos para andar como um ser humano, a fim de que o jovem príncipe se apaixone por você e lhe dê uma alma imortal.

E com isso a feiticeira soltou uma gargalhada tão alta e maléfica que o sapo e as cobras caíram estatelados no chão.

— Você veio na hora certa – disse a feiticeira. — Amanhã, quando o sol se levantar, eu não serei mais capaz de ajudá-la. Vou preparar um elixir para você. Terá de nadar até a costa com ele antes do nascer do sol, sentar-se na praia e tomá-lo. Sua cauda, então, se dividirá em duas e encolherá para se transformar

naquilo que os seres humanos chamam de “belas pernas”. Mas vai doer. Você sentirá como se uma espada afiada a cortasse. Todos que a virem dirão que você é a mais bela humana que já encontraram. Manterá seus movimentos graciosos, nenhuma dançarina jamais deslizará tão suavemente, mas cada passo que der a fará sentir como se estivesse pisando em uma faca afiada, o bastante para fazer sangrar seus pés. Se estiver disposta a suportar tudo isso, posso ajudá-la.

— Sim – disse a Pequena Sereia com voz hesitante, mas voltou seus pensamentos para o príncipe e ao prêmio de uma alma imortal.

— Pense nisso com cuidado – disse a feiticeira. — Uma vez tomada a forma de um ser humano, nunca mais voltará a ser uma sereia. Você não será capaz de descer nadando ao encontro do palácio de seu pai e de suas irmãs. A única maneira de conseguir uma alma imortal é conquistando o amor do príncipe e fazer com que ele esqueça o pai e a mãe por amor a você. Ele deve tê-la sempre em seus pensamentos e permitir que o padre una suas mãos para que se tornem marido e mulher. Se o príncipe se casar com outra pessoa, na manhã seguinte seu coração se quebrará e você se tornará espuma na crista das ondas.

— Estou pronta – disse a Pequena Sereia, pálida como uma morta.

— Mas terá que me recompensar – disse a feiticeira. — Você não receberá minha ajuda sem nada em troca. Você tem a mais formidável voz entre todos que aqui habitam no fundo do mar. Provavelmente pensa que encantará o príncipe com ela, mas terá que dá-la para mim. Vou lhe exigir o que possui de melhor como pagamento por minha poção. Você entende, tenho de misturar nela um pouco do meu próprio sangue, para que o elixir seja afiado como uma espada de dois gumes.

— Mas se tirar a minha voz, o que me restará? – disse a Pequena Sereia.

— Sua encantadora figura – disse a feiticeira –, seus movimentos graciosos e seus olhos expressivos. Com eles pode simplesmente fascinar um coração humano... Bem, onde está sua coragem? Estire a língua e deixe-me cortá-la fora como pagamento. Depois receberá sua poderosa poção.

— Assim seja – disse a Pequena Sereia, e a feiticeira pôs seu caldeirão no fogo para destilar a poção mágica.

— Limpeza antes de tudo – ela disse, enquanto esfregava o recipiente com um feixe de víboras que tinha atado num grande nó.

Em seguida, deu um talho no próprio seio e deixou gotejar o negro sangue no caldeirão. O vapor que subiu criava formas estranhas, assustadoras de se ver. A feiticeira continuava a juntar coisas novas dentro do caldeirão e quando o elixir começou a ferver, parecia um choro de crocodilo. Finalmente a poção mágica

ficou pronta e era exatamente cristalina como água.

— Aí está você! — disse a feiticeira ao cortar a língua da Pequena Sereia, que agora estava muda e não conseguia falar nem cantar.

— Se os pólipos a apanharem quando você retornar pela mata — disse a feiticeira —, basta jogar sobre eles uma única gota desta poção e os braços e dedos deles serão dilacerados em mil pedaços.

Mas a Pequena Sereia não precisou disso. Os pólipos se encolheram aterrorizados quando avistaram a luzente poção em sua mão como uma estrela cintilante. E assim, passou rapidamente pela mata, pelo charco e pelos atoadores redemoinhos.

A Pequena Sereia pôde contemplar o palácio do pai. As luzes do salão de baile estavam apagadas. Certamente, lá estavam todos dormindo a essa altura. Mas não se atreveu ir vê-los, pois agora estava muda e prestes a deixá-los para sempre. Ela sentiu como se seu coração fosse partir de tanta dor. Entrou secretamente no jardim, pegou uma flor dos leitos de cada uma das irmãs, soprou mil beijos em direção do palácio e depois se subiu à superfície através das águas azul-escuras.

O sol ainda não despontara no horizonte, quando ela avistou o palácio do príncipe e subiu os degraus de mármore. A lua esplendia límpida e vívida. A Pequena Sereia bebeu a acre poção e parecia que uma faca de dois gumes trespassava seu corpo delicado. Ela desmaiou e caiu morta.

O sol se levantou e, radiante através do mar, acordou-a. Ela sentiu uma dor cruciante. Mas bem ali, na sua frente, estava o belo príncipe. Os olhos dele, negros como carvão, a encaravam tão intensamente que ela baixou os seus, e percebeu que sua cauda de peixe desaparecera e que tinha um bonito par de pernas brancas como as que qualquer jovem poderia desejar. Mas estava completamente nua e assim se envolveu em seu longo e esvoaçante cabelo. O príncipe perguntou-lhe quem era e como chegara até ali, e ela só conseguia fitá-lo com um olhar doce e triste com seus olhos azuis, pois, é claro, não podia falar. Então ele a tomou pela mão e a levou para o palácio. Cada passo que ela dava, como prenunciara a feiticeira, a fazia sentir dores atrozias como se estivesse pisando em facas e agulhas afiadas, mas suportou de bom grado. Caminhou com a leveza de uma bolha de sabão ao lado do príncipe. Este e todos que a viram ficaram maravilhados com a beleza de seus movimentos graciosos.



Deram-lhe vestidos suntuosos de seda e musselina. Ela era a criatura mais bela no palácio, mas era muda, não conseguia falar nem cantar. Lindas escravas vestidas de seda e ouro apareceram e dançaram diante do príncipe e de seus

parentes reais. Uma cantou mais lindamente que todas as outras, e o príncipe bateu palmas e sorriu para ela. Isso entristeceu a Pequena Sereia, pois sabia que ela própria podia cantar ainda mais lindamente. E pensou:

— Oh, se ele soubesse que dei minha voz para sempre, a fim de estar com ele.

Em seguida, as escravas dançaram uma dança muito elegante, deslizando ao som da mais encantadora música. E a Pequena Sereia ergueu seus belos braços brancos, ficou na ponta dos dedos dos pés e deslizou pelo piso, dançando como ninguém dançara antes. A cada passo, parecia mais e mais formosa e seus olhos atraíam mais profundamente que o canto das moças escravas.



Todos ficaram encantados, especialmente o príncipe, que a chamou de sua pequena desamparada. Ela continuou dançando, apesar da sensação de estar pisando em facas afiadas cada vez que seu pé tocava o solo. O príncipe disse que ela nunca deveria deixá-lo e ela teve permissão para dormir do lado de fora de sua porta, em uma almofada de veludo.

O príncipe ordenou produzir para ela um traje de amazona para que

pudessem andar a cavalo. Cavalgaram juntos por florestas perfumadas, onde ramos verdes roçavam seus ombros e passarinhos cantavam em meio às folhas frescas. Ela subiu com o príncipe ao topo das altas montanhas e, embora seus delicados pés sangrassem e todos pudessem notar o sangue, ela apenas sorria e acompanhava o príncipe até onde podiam ver as nuvens abaixo deles, parecendo um bando de pássaros que viajam para terras distantes.

No palácio do príncipe, quando todos dormiam, ela descia a escadaria de mármore e ia refrescar os pés ardentes na água fria do mar. E então, ela pensava nos que estavam lá embaixo nas profundezas. Uma noite, suas irmãs subiram de braços dados, cantando melancolicamente enquanto flutuavam sobre a água. Acenou para elas que a reconheceram e lhes contaram o quão infeliz havia feito a todos. Depois disso, passaram a visitá-la todas as noites, e uma vez ela viu ao longe sua velha avó, que não vinha à superfície do mar havia muitos anos, e também o velho rei do mar com sua coroa na cabeça. Ambos estenderam as mãos para ela, mas não se aventuraram tão perto da costa como as suas irmãs.

Com o tempo, ela foi se tornando mais estimada para o príncipe. Ele a amava como se ama uma pequena criança, pois jamais lhe ocorreu fazer dela sua rainha. E, no entanto, ela precisava se tornar sua esposa, pois do contrário nunca receberia uma alma imortal e, na manhã do casamento dele, se dissolveria em espuma do mar.

— Você gosta de mim mais do que a todos? – os olhos da Pequena Sereia pareciam perguntar quando ele a tomava nos braços e beijava sua adorável frente.

— Sim, você é muito preciosa para mim – dizia o príncipe –, por ter o coração mais amável que todos. E você é mais dedicada a mim que qualquer outra pessoa. Você me lembra uma moça que conheci uma vez, mas que provavelmente nunca verei de novo. Eu estava em um naufrágio e as ondas lançaram-me em terra firme, perto de um templo sagrado, onde várias jovens cumpriam seus deveres. A mais nova delas me encontrou na praia e salvou minha vida. Eu a vi apenas duas vezes. Ela é a única no mundo a quem eu poderia amar. Mas você é tão parecida com ela que quase tirei a imagem dela da minha mente. Ela pertence ao templo sagrado e minha boa fortuna enviou você para mim. Nunca nos separaremos.

“Ah, mal sabe ele que fui eu quem lhe salvei a vida” – pensou a Pequena Sereia. “Carreguei-o pelo mar até o templo na floresta e esperei na espuma que alguém viesse ajudá-lo. Vi a bonita jovem que ele ama mais do que a mim” – e suspirou profundamente, pois não sabia derramar lágrimas. “Ele diz que a

menina pertence ao templo sagrado e que por isso nunca retornará ao mundo. Eles nunca se encontrarão novamente. Eu estou ao seu lado e vejo-o todos os dias. Eu vou cuidar dele, amá-lo e dar minha vida por ele”.

Não muito tempo depois, houve um rumor de que o príncipe se casaria e que a esposa seria a bela filha de um rei vizinho, e por isso ele estava equipando um soberbo navio. O príncipe ia fazer uma visita a um reino vizinho – era assim que diziam, dando a entender que estava indo ver a noiva. Ele tinha uma grande comitiva, mas a Pequena Sereia sacudia a cabeça e ria. Conhecía os pensamentos do príncipe muito melhor do que qualquer outra pessoa.

— Eu tenho que ir – ele disse a ela. — Tenho de visitar essa princesa, porque meus pais insistem nisso. Mas eles não podem me forçar a trazê-la para cá como minha esposa. Nunca poderia amá-la. Ela não é bela como a moça do templo, a quem você se assemelha. Se eu fosse forçado a escolher uma noiva, preferiria escolher você, minha querida mudinha, com seus olhos expressivos.

Então, beijava a boca rosada da sereia, brincava com seu longo cabelo e pousava sua cabeça contra seu coração, fazendo-a sonhar com a felicidade humana e uma alma imortal.

— Você não tem medo do mar, não é, minha querida mudinha? – ele perguntou no convés do esplêndido navio que os transportaria ao reino vizinho. Ele lhe falou das poderosas tempestades e de calmarias, dos estranhos peixes das profundezas e do que os mergulhadores tinham visto lá embaixo. Ela sorria às histórias dele, pois sabia melhor do qualquer outra pessoa das maravilhas do fundo do mar.

À noite, quando havia lua sem nuvens e todos estavam dormindo, exceto o timoneiro em seu leme, a Pequena Sereia sentava-se junto na amurada do navio, olhando para baixo através da água clara. Tinha a impressão de poder ver o palácio do pai, com sua velha avó postada no alto dele com a coroa de prata na cabeça, tentando enxergar por entre a rápida corrente na quilha do navio. Em seguida, suas irmãs apareceram das ondas e a fitavam com olhos cheios de tristeza, agitando suas mãos brancas. Acenava e sorria para elas, e teria gostado de lhes dizer que estava feliz e que tudo ia bem para ela. Mas o grumete surgiu exatamente naquele instante e as irmãs mergulharam, fazendo crer ao marinheiro que a coisa branca que vira era apenas espuma na água.

Na manhã seguinte o navio entrou no porto da magnífica capital do rei vizinho. Os sinos das igrejas estavam tocando e das torres podia-se ouvir o toque de trompetes. Soldados saudaram com reluzentes baionetas e bandeiras coloridas. Todos os dias havia festejo. Bailes e espetáculos se sucederam, mas a princesa

ainda não tinha aparecido. As pessoas diziam que ela estava sendo criada e educada num templo sagrado, onde estava aprendendo todas as virtudes reais. Finalmente ela chegou.

A Pequena Sereia estava ansiosa para ver a beleza dela e teve que admitir que nunca vira pessoa mais encantadora. Sua pele era clara e delicada e, por trás dos cílios longos e escuros, seus olhos azuis sorridentes brilhavam com muita sinceridade.

— É você – disse o príncipe. — Você é aquela que me salvou quando estava estendido na praia, semimorto. E estreitou nos braços sua noiva, de face corada.

— Oh, estou muito feliz – ele disse à Pequena Sereia. — Meu desejo mais caro, mais do que eu ousava esperar, foi satisfeito. Você compartilhará da minha felicidade, porque é mais devotada a mim do que ninguém.

A Pequena Sereia beijou a mão dele e sentiu como se seu coração estivesse partido. O dia do casamento dele significaria a sua morte e ela se transformaria em espuma nas ondas do oceano.

Todos os sinos das igrejas repicavam enquanto os arautos percorriam as ruas para proclamar o noivado. Óleo perfumado queimava em preciosas lâmpadas de prata em cada altar. O padre balançava o incensário enquanto o noivo e a noiva uniam as mãos e recebiam a bênção do bispo. Vestida de seda e outro, a Pequena Sereia segurava a cauda da noiva, mas seus ouvidos nunca tinham ouvido aquela música festiva e seus olhos nunca tinham visto os ritos sagrados. Ela pensava em sua última noite na terra e sobre tudo que havia perdido neste mundo.

Na mesma noite, os noivos embarcaram no navio. Os canhões troavam, as bandeiras brandiam e no centro do navio fora erguida uma suntuosa tenda de púrpura e ouro. Estava repleta de luxuosas almofadas para os recém-casados, que deveriam dormir ali naquela noite fresca e calma. As velas inflaram com a brisa e o navio deslizou leve e suavemente sobre os mares claros.

Quando escureceu, acenderam lanternas de várias cores e os marinheiros dançaram alegremente no convés. A Pequena Sereia não pôde deixar de pensar naquela primeira vez em que tinha emergido do mar e contemplado uma cena de festejos jubilosos igual a esta. E agora ela entrou na dança, desviando e precipitando-se com a leveza de uma andorinha acuada. Clamores de admiração a cumprimentaram de todos os cantos. Nunca antes ela dançara com tanta elegância. Era como se facas afiadas estivessem cortando seus delicados pés, mas ela não sentia nada, pois a ferida em seu coração era muito mais dolorosa. Ela sabia que aquela era a última noite que veria o príncipe, por quem abandonara sua família e seu lar, sacrificara sua linda voz e sofrera horas de

agonia sem que ele suspeitasse de nada. Era a última noite em que respiraria o mesmo ar que ele ou contemplaria o mar profundo e o céu estrelado. Uma noite eterna, sem pensamentos ou sonhos, aguardava por ela que não tinha alma e nunca ganharia uma. Tudo era regozijo e diversão a bordo até muito depois da meia-noite. Ela riu e dançou com os outros, embora em seu coração ruminasse a morte. O príncipe beijava sua adorável noiva, que brincava com seu cabelo escuro, e de braços dados os dois se retiraram para a magnífica tenda.

O navio estava tranquilo e silencioso. Apenas o timoneiro estava junto ao seu leme. A Pequena Sereia inclinou-se com seus braços brancos na amurada e olhou para o leste em busca de sinal da rósea aurora. O primeiro raio do sol, ela sabia, traria sua morte. De repente, viu suas irmãs emergindo. Estavam tão pálidas como ela própria, mas seus longos e belos cabelos não mais ondulavam ao vento – haviam sido cortados.



— Temos dado nosso cabelo à feiticeira – disseram elas. — Para que nos ajudasse a salvá-la da morte que a espera esta noite. Ela nos deu um punhal, veja, aqui está. Vê como é afiado? Antes do nascer do sol você tem de cravá-lo

no coração do príncipe. Então, quando o sangue morno dele tocar seus pés, eles se unirão e se transformarão numa cauda de peixe, e você será sereia de novo. Poderá voltar conosco para a água e viver seus trezentos anos antes de ser transformada em espuma do mar salgado. Apresse-se! Ou ele ou você morrerá antes do amanhecer. Nossa velha avó tem sofrido tanto que seu cabelo branco tem caído, como os nossos sob a tesoura da feiticeira. Mate o príncipe e volte para nós! Mas não demore, veja as estrias vermelhas no céu. Em poucos minutos o sol despontará e então você morrerá – com um suspiro estranho e profundo, elas submergiram.



A Pequena Sereia afastou a cortina púrpura da tenda e viu a bela noiva adormecida com a cabeça apoiada no peito do príncipe. Inclinando-se, ela beijou a nobre fronte dele e depois olhou para o céu, onde o rubor da aurora se tornava mais e mais luminoso. Fitou o punhal afiado em sua mão e novamente fixou os olhos no príncipe, que sussurrou o nome da noiva em seus sonhos – só ela estava em seus pensamentos. Levantou as mãos que tremiam enquanto empunhava o punhal – e então ela o lançou para longe nas ondas. A água ficou vermelha onde caiu e algo parecido com gotas de sangue ressumou dela. Com um último olhar para o príncipe, os olhos esmaecidos, ela se jogou do navio para o mar e sentiu seu corpo se dissolver em espuma.

E logo o sol começou a subir do mar. Seus raios cálidos e suaves caíram sobre a espuma fria como a morte, mas a Pequena Sereia não tinha a sensação de estar morrendo. Ela viu o sol esplendoroso e, pairando ao seu redor, centenas de criaturas adoráveis – podia perfeitamente através delas ver as velas brancas do navio e as nuvens rosadas no céu. E a voz delas era a voz da melodia, embora etérea demais para ser ouvida por ouvidos mortais, assim como nenhum olho mortal poderia contemplá-las. Não tinham asas, mas sua leveza as fazia flutuar no ar. A Pequena Sereia viu que tinha um corpo como o delas e que estava se elevando cada vez mais acima da espuma.

— Onde estou? – perguntou, e sua voz soava como a dos outros seres, mais etérea que qualquer música terrena podia soar.

— Entre as filhas do ar – responderam as outras. — Uma sereia não possui uma alma imortal, e jamais pode ter uma a menos que conquiste o amor de um ser humano. A eternidade de uma sereia depende de um poder que independe dela. As filhas do ar tampouco têm uma alma eterna, mas podem conseguir uma através de suas boas ações. Devemos voar para os países quentes, onde o ar pestilento significa morte para os seres humanos. Devemos levar brisas frescas. Devemos espalhar a fragrância das flores através do ar e enviar consolo e cura. Depois que tivermos praticado todo o bem que podemos em trezentos anos, conquistaremos uma alma imortal e teremos participação na felicidade eterna da humanidade. Você, pobrezinha, tentou com todo o seu coração fazer o que estamos fazendo. Você sofreu e perseverou e se elevou ao mundo dos espíritos do ar. Agora, com trezentos anos de boas ações, você também pode ganhar uma alma imortal.

A Pequena Sereia levantou seus braços de cristal para o dom de Deus, e pela primeira vez conheceu o gosto das lágrimas.

No navio havia muito alvoroço e sons de vida por todo lado. A Pequena

Sereia viu o príncipe e a bela noiva à sua procura. Com enorme melancolia, eles fitavam a espuma perolada, como se soubessem que ela se precipitara nas ondas. Invisível, ela beijou a fronte da noiva, sorriu para o príncipe e em seguida, com as outras filhas do ar, subiu para uma nuvem rosa-avermelhada que atravessava o céu.

— Assim flutuaremos por trezentos anos, até finalmente chegarmos ao reino celestial.



— E podemos alcançá-lo ainda mais cedo – sussurrou uma das suas companheiras. — Invisíveis, flutuamos para dentro de lares humanos em que há crianças, e para cada dia que encontramos uma boa criança, que faz merecer o amor dos pais, Deus abrevia nosso tempo de sofrimento. A criança nunca percebe quando voamos em seu quarto e sorrimos com alegria, e assim um ano é reduzido dos trezentos. Mas quando vemos uma criança perversa ou maldosa, então, derramamos lágrimas de dor, e cada lágrima acrescenta mais um dia ao nosso tempo de provação.

Branca de Neve
Jacob e Wilhelm Grimm

Certo dia, no mais frio do inverno, quando flocos de neve do tamanho de penas pendiam do céu, uma rainha estava a costurar, sentada perto de uma janela com moldura de ébano. Enquanto costurava, olhou para a neve espetando o dedo na agulha e três gotas de sangue caíram sobre a neve alvíssima.

O vermelho era tão bonito sobre o branco da neve que a rainha exclamou: “Gostaria de ter uma filha branquinha como a neve, com a boca vermelha como o sangue e os cabelos tão negros como a moldura de ébano da minha janela”. Pouco tempo depois, deu à luz uma menininha que era branca como a neve, tinha os lábios vermelhos como o sangue e os cabelos negros como o ébano. Por isso recebeu o nome de Branca de Neve. A rainha morreu logo após o nascimento da criança.

Um ano depois, o rei se casou com outra mulher. Era uma belíssima dama, porém muito orgulhosa e arrogante, não tolerava a ideia que alguém pudesse ser mais bonita do que ela. Possuía um espelho mágico e, sempre que ficava diante dele para se admirar, dizia:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Ó Rainha, sois de todas a mais bela.



Então ela sorria feliz, pois sabia que o espelho sempre falava a verdade.

Branca de Neve estava crescendo e, a cada dia que passava ficava mais e mais formosa. Quando chegou à idade de sete anos, ficou tão bonita quanto o dia brilhante e mais bela do que a própria rainha. Um dia, a madrasta perguntou ao espelho:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Minha Rainha, sois muito bela ainda, mas Branca de Neve é mil vezes mais linda.

Ao ouvir estas palavras a rainha começou a tremer e seu rosto ficou verde de inveja. A partir daquele momento passou a odiar Branca de Neve. Sempre que seus olhos pousavam nela sentia seu coração frio como uma pedra. A inveja e o orgulho brotaram como ervas daninha em seu coração. De dia ou de noite, ela não tinha um momento de paz.

Um dia chamou o caçador e ordenou:

— Leve a menina para a floresta. Nunca mais quero vê-la novamente. Traga-me seus pulmões e seu fígado como prova de que a matou.



O caçador obedeceu e levou a princesinha para um passeio na floresta. Em certo momento, Branca de Neve virou de repente e se deparou com o caçador com uma faca na mão pronto para desferir-lhe um golpe mortal. Inocente, começou a chorar e a suplicar:

— Ai, querido caçador, poupe minha vida. Eu prometo correr para a floresta e nunca mais voltar.

Branca de Neve era tão bonita que o caçador teve pena dela e disse:

— Fuja pobre criança.

“Os animais selvagens irão devorá-la antes do tempo”, pensou. E sentiu como se um grande peso tivesse sido tirado de seu peito, pois não queria matar a menina. Naquele instante, passou ali um filhote de javali e o caçador o matou à estocadas retirando em seguida seus pulmões e seu fígado para levá-los à rainha. Retornando ao palácio, entregou os órgãos à perversa que, exultante de satisfação, levou pessoalmente ao cozinheiro, dando-lhe instruções para fervê-los em salmoura. Depois de preparados, a rainha os comeu, pensando que estava se alimentando dos restos mortais da enteada.

Neste ínterim, a pobre menina vagava sozinha na vasta floresta. Estava muito assustada e começa a escurecer. Cada árvore, cada galho, pareceria tomar

formas fantasmagóricas. Desesperada, pôs-se a correr cada vez mais adentro, embrenhando-se na mata, passando sobre pedras pontiagudas e arbustos espinhosos. De vez em quando feras passavam por ela, mas não lhe faziam mal. Ela corria tão apavorada que mal sentia as pernas.

Ao cair da noite, viu ao longe uma pequena cabana e entrou para se abrigar. Nessa casa todas as coisas eram minúsculas, mas tudo indescritivelmente limpo e organizado. Havia uma mesinha com sete pratinhos sobre uma toalha muito branca. Cada pratinho tinha uma colher pequena e do lado sete garfinhos e sete faquinhas, sem esquecer das sete canequinhas. Sedenta e com fome, Branca de Neve comeu algumas verduras, um pouco de pão de cada pratinho e tomou um gole de vinho de cada canequinha. Do outro lado, viu sete caminhas enfileiradas e extenuada por tantas emoções tentou deitar nelas, mas parecia não lhe caber. A primeira era muito longa, a segunda muito curta, já a sétima caminha era perfeita. Então, ela fez sua oração e adormeceu profundamente.



Era completamente escuro lá fora quando os donos da casa retornaram. Eram sete anões garimpeiros que passavam o dia nas montanhas escavando a terra em busca de minérios. Acenderam suas sete lanterninhas e, quando a casa se iluminou, perceberam que alguém tinha estado lá, pois nem tudo estava do jeito que tinham deixado.



O primeiro anão perguntou:

— Quem sentou na minha cadeirinha?

O segundo perguntou:

— Quem comeu no meu pratinho?

O terceiro perguntou:

— Quem comeu o meu pãozinho?

O quarto perguntou:

— Quem comeu minhas verdurinhas?

O quinto perguntou:

— Quem usou meu garfinho?

O sexto perguntou:

— Quem cortou com a minha facininha?

O sétimo, enfim, perguntou:

— Quem bebeu na minha canequinha?

O primeiro anão olhou ao redor e reparou que seu lençol estava amassado e disse:

— Quem subiu na minha caminha?

Os outros vieram correndo e cada um gritava: “Alguém dormiu na minha cama também”. Até que os olhos do sétimo anão caíram sobre sua pequena cama e viram Branca de Neve ali, dormindo. Começou a gritar chamando os outros que prontamente acudiram e ficaram tão assombrados que todos ergueram suas sete lanterninhas para ver melhor Branca de Neve.

— Meu Deus, meu Deus! – exclamavam boquiabertos. É a mais bela criança que já vimos!

Os anões ficaram tão encantados com a princesinha que resolveram não acordá-la e deixaram-na dormindo na caminha. O sétimo anão dormiu por uma hora com cada um de seus companheiros durante a noite.



Pela manhã, Branca de Neve acordou. Quando viu os anõesinhos a volta de

sua cama olhando para ela ficou bem assustada, mas eles foram muito amáveis e perguntaram:

— Qual é o seu nome?

— Meu nome é Branca de Neve – ela respondeu.

— Como você chegou à nossa casa?

Branca de Neve contou tudo que lhe acontecera, de como a madrasta mandou mata-la e como o caçador poupou sua vida. Contou que saiu correndo pela floresta por várias horas até chegar à cabana deles.

Os anões lhes disseram:

— Se cozinhar, arrumar as camas, lavar, costurar, tricotar e manter tudo limpo e organizado pode ficar conosco, e nós vamos dar-lhe tudo que precisa.

— Sim, com prazer – ela respondeu.

Desde esse dia, Branca de Neve passou a cuidar da casa para os anões. De manhã bem cedo, eles saíam para trabalhar no alto das montanhas em busca de ouro e prata. Ao cair da noite, voltavam e encontravam um gostoso jantar prontinho à espera deles. Como a menina passava os dias sozinha, os bons anões recomendaram seriamente: “Cuidado com sua madrasta. Em breve ela vai saber que você está aqui. Não deixe ninguém entrar na casa”.

A rainha, porém, acreditando que havia comido os pulmões e o fígado de Branca de Neve, estava certa que agora era a mulher mais linda do mundo. Foi até o espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— És sempre bela, minha Rainha. Mas na colina distante, cercada por sete anões, Branca de Neve ainda vive e floresce e sua beleza jamais foi superada.

Ao ouvir essas palavras a rainha ficou abismada, pois sabia que o espelho era encantado e por isso não podia mentir. Depois quase explodiu de tanto ódio ao compreender que o caçador a enganara e que Branca de Neve continuava viva. Não perdeu tempo e, cheia de inveja, pôs-se imediatamente a maquinar uma maneira de se livrar dela.

Desceu aos porões do castelo onde costumava praticar feitiçaria e utilizando seus conhecimentos de bruxa ficou irreconhecível, tornando-se semelhante a uma velha. Nesse disfarce viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões. Lá chegando fingiu ser uma vendedora e anunciou:

— Belas mercadorias, preço excelente.

Ouvindo isso Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Bom dia, minha senhora. O que você tem para vender?

— Coisas boas, coisas bonitas – a bruxa respondeu. Os mais finos cordões para corpete – e puxou rendas e tecidos de seda de muitas cores.

“Eu posso deixar esta boa mulher entrar”, pensou Branca de Neve, e correndo o ferrolho da porta comprou o cordão mais bonito.

A bruxa, muito ladina, disse:

— Ó, minha filha, você é tão bonita, mas está tão desarrumada. Venha, deixe que eu arrume o cordão para você.

Branca de Neve completamente inocente, colocou-se diante da velha e deixou que ela lhe arrumasse. A perversa apertou tanto o cordão e tão depressa que Branca de Neve ficou sem fôlego e caiu desmaiada como se estivesse morta.

— Agora quero só ver quem é afinal a mais bela de todas – disse a velha que logo saiu correndo.

Não demorou a anoitecer e não demorou muito os sete anões voltaram para casa. Quando entraram deram com sua amada Branca de Neve estendida no chão e ficaram horrorizados. Ela não se movia e eles acreditavam que ela estivesse morta. Ergueram-na para colocá-la sobre a cama, quando perceberam o cordão do corpete fortemente amarrado e então o cortaram em dois. A princesinha começou a respirar e pouco a pouco voltou à vida. Quando os anões souberam o que tinha acontecido, advertiram:

— A velha vendedora era a rainha disfarçada. Tome mais cuidado e não deixe ninguém entrar, a menos que estejamos em casa.

Assim que chegou ao castelo, a primeira coisa que a rainha fez foi dirigir-se ao espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu como sempre fazia:

— Aqui está a mais bela, minha Rainha querida. Branca de Neve ainda vive e floresce e sua beleza jamais foi superada.

Ao ouvir as palavras do espelho a rainha ficou possessa de raiva e o sangue gelou em suas veias.

— Mas desta vez, – ela disse – vou sonhar com algo que irá destruí-la.

Usando toda bruxaria em seu poder, ela criou um pente envenenado. Então, mudou de roupa e se disfarçou mais uma vez como uma velha mulher. Viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões, bateu à porta e gritou:

— Belas mercadorias, preço excelente.

Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Vá embora, não posso deixar ninguém entrar.

— Mas você pode pelo menos dar uma olhada – disse a velha que tirou o pente envenenado e ergueu-o no ar.

A princesinha gostou tanto que, completamente inocente, abriu a porta. Quando acordaram o preço, a velha afirmou:

— Agora vou dar a seu cabelo um bom penteado.

Pobre Branca de Neve não suspeitou de nada e deixou a mulher seguir em frente. Assim que o pente tocou seus cabelos o veneno fez efeito e a menina caiu sem sentidos no chão.

— Você está acabada – disse a malvada mulher, correndo para longe.

Felizmente, os anões estavam a caminho da cabana, pois era quase noite. Quando chegaram, viram Branca de Neve no chão como se estivesse morta e suspeitaram da madrasta imediatamente. Ao examiná-la, descobriram o pente envenenado. Logo que o puxaram, Branca de Neve recobrou à vida e disse-lhes o que tinha acontecido. Novamente avisaram-na para não abrir a porta a ninguém.

No castelo, em frente ao espelho a rainha perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu como antes:

— Aqui está a mais bela, minha Rainha querida. Branca de Neve é a mais bela que já vi.

— Branca de Neve tem que morrer! – vociferou. Mesmo que me custe a vida.

A rainha entrou no calabouço, onde ninguém jamais pôs os pés, e fez uma maçã envenenada. A aparência da fruta encantada era maravilhosa – branca com as faces vermelhas – se você a visse, você ansiaria comê-la. Mas bastaria a menor mordida para levar-lhe à morte.

Assim que terminou de preparar a maçã enfeitiçada, usando de artimanhas, transmutou-se desta vez na forma de uma velha camponesa e partiu para além das sete colinas até a casa dos sete anões.

A bruxa bateu à porta e Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Não posso deixar ninguém entrar. Os sete anões não permitem isso.

— Está tudo bem – respondeu a velha camponesa. Vou me livrar das minhas maçãs em breve. Aqui, vou lhe dar uma.

— Não – disse Branca de Neve. Não devo aceitar nada de estranho.

— Você tem medo que esteja envenenada? – perguntou a velha. Olhe, vou cortar a maçã ao meio. Você come a metade vermelha e eu como a outra branca.

A maçã havia sido feita de modo astucioso, apenas a parte vermelha tinha veneno. Branca de Neve estava com água na boca de tanto desejo pela bonita maçã e, quando viu a camponesa morder seu pedaço, não resistiu. Estendeu a mão para fora da janela e pegou a outra metade. Assim que mordeu, caiu morta no chão. A rainha triunfante olhou-a caída e desatou a rir:

— Branca como a neve, boca vermelha como o sangue, cabelos negros como o ébano! Desta vez aqueles horríveis anões não conseguirão trazê-la à vida.

Chegando ao castelo, dirigiu-se de imediato ao espelho mágico e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

E, finalmente, a resposta:

— Ó Rainha, sois vós a mais bela do reino.

E a invejosa rainha mal podia se conter de tanta felicidade.

Ao cair da noite, os anões voltaram para casa e encontraram Branca de Neve caída no chão. Nem um sopro de ar em seus lábios. Ela estava morta. Ergueram-na para procurar algo em volta que pudesse ser venenoso. Desamarraram-lhe o corpete, pentearam-lhe o cabelo, lavaram-na com água e vinho, mas tudo foi em vão. A criança querida se fora e nada poderia trazê-la de volta. Depois de colocá-la em um esquife, todos os sete anões se sentaram ao redor e a velaram. Choraram a mais profunda tristeza durante três dias. Estavam prestes a enterrá-la, mas ela ainda parecia tão viva com belas bochechas vermelhas.

Um dos anões disse: “Não podemos enterrá-la”. E, então, construíram um caixão de vidro transparente, que permitia Branca de Neve ser vista por todos os lados, com inscrições em ouro com seu nome e os dizeres que ali estava a filha de um rei. Levaram o caixão até o topo de uma montanha e mantinham sempre um deles em vigília. Os animais também foram lamentar por Branca de Neve, primeiro uma coruja, depois um corvo e, por último, uma pomba.

Branca de Neve permaneceu no caixão por um longo e longo tempo. Entretanto, seu corpo não se decom pôs e dava a impressão de estar dormindo. Suas feições continuavam as mesmas, branca como a neve, boca vermelha como o sangue e cabelos negros como o ébano.

Certo dia, o filho de um poderoso rei atravessava a floresta quando chegou à casa dos anões para pedir hospedagem por uma noite. Quando subiu no alto da montanha, à procura dos donos da cabana, se deparou com o caixão com a bela Branca de Neve deitada dentro dele, rodeado pelos sete anões. Leu os dizeres em letras douradas e, encantado com a beleza da princesinha, disse:



— Deixai-me levar o caixão. Eu darei o que pedirem.

Os anões responderam:

— Nós não venderíamos nem por todo o ouro do mundo.

O príncipe respondeu:

— Deem-me, então, como presente, pois depois que a vi não posso mais viver sem ela. Vou honrá-la e tratá-la como se fosse minha amada.

Os bons anões comovidos com o profundo sentimento do príncipe se apiedaram dele e lhe entregaram o caixão. O príncipe mandou vir seus servos a quem ordenou que pusessem o ataúde sobre os ombros e o transportassem. Mas aconteceu que tropeçaram em um arbusto e o solavanco desprende o pedaço de maçã envenenada alojado na garganta de Branca de Neve. Ela prontamente voltou à vida e exclamou:

— O que aconteceu, onde estou?

O príncipe radiante de alegria disse:

— Você vai ficar comigo – e contou-lhe o que acontecera. Eu te amo mais que tudo no mundo, ele disse. Venha comigo para o castelo de meu pai, seja minha noiva!

Branca de Neve sentiu um grande amor pelo príncipe e partiu com ele. Em breve as núpcias foram celebradas com enorme esplendor.

A perversa madrasta de Branca de Neve também foi convidada para a festa do casamento. Vestiu suas mais belas roupas, postou-se diante do espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Minha Rainha, sois muito bela ainda, mas a jovem rainha é mil vezes mais linda.

A malvada mulher soltou uma maldição e estava tão paralisada de raiva que não sabia o que fazer. No começo, não queria comparecer à festa de casamento. Mas resolveu ir e conhecer a jovem rainha.

Quando entrou no castelo, Branca de Neve a reconheceu no mesmo instante. A madrasta, ao perceber que se tratava da princesinha, ficou tão aterrorizada que não conseguiu ceder um centímetro dali. Sapatos de ferro já haviam sido aquecidos para ela sobre fogo em brasas. Foram levados por tenazes e colocados bem na sua frente.

A bruxa foi obrigada a calçar os sapatos de ferro em brasa e dançar em torno de si até, finalmente, cair morta.

Pele de Asno
Charles Perrault

Era uma vez um rei, o maior sobre a terra, amável na paz e terrível na guerra, não havia outro que se comparasse a ele. Os vizinhos o temiam, os seus estados estavam calmo e por todas as partes via-se florir, à sombra das suas gloriosas batalhas, as virtudes e as belas-artes. A sua adorável esposa, companheira fiel, era formosa e bela, dotada de um espírito tranquilo e doce, que ele se sentia mais feliz de ser seu esposo do que de ser rei. Da casta e terna união desse casal cheio de doçura e concórdia havia nascido uma filha, com tantas virtudes que ele se consolava de não ter filhos homens.

No seu vasto e abastado palácio tudo era magnífico, em todo lugar formigava uma grande abundância de cortesãos e valetes, havia nas suas cavaliarias cavalos grandes e pequenos de todos os portes, cobertos de belas capas duras de ouro e de bordados. Todavia, o que mais surpreendia toda a gente ao entrar, era que no lugar mais alto um grande asno exibia suas enormes orelhas. Essa esquisitice pode gerar estranheza, mas quando se conhece as virtudes sem igual deste animal, não parece que a honra seja demasiada grande. A natureza formou-o de tal modo que nunca fazia estercos, e sim belos escudos e luises de ouro de todas as feições, que todas as manhãs iam recolher.

Ora, o céu – que por vezes se cansa de fazer os homens contentes, que sempre junta às suas graças alguma desgraça, tal como a chuva ao dia mais ensolarado – permitiu que uma severa doença subitamente atacasse os dias radiosos da rainha. Por todos os lados se buscava socorro, porém nem os médicos mais estudados nem os charlatães da moda puderam ajudar, nem todos juntos puderam cessar o incêndio que a febre acendia à medida que aumentava.

Chegada a sua hora, a rainha chamou por seu esposo e revelou:

— Deixe-me fazer um último pedido, se algum dia vir a ter vontade de se casar novamente, quando eu já não estiver aqui...

— Ah – disse o rei –, esses questionamentos são em vão, nunca na minha vida eu desejarei tal coisa, fique tranquila.

— Eu acredito – respondeu a rainha. Seu amor perpétuo é prova disso, contudo preciso que prometa que não se casará novamente. Se encontrar uma mulher mais bela, perfeita e sagaz que eu, realize seu matrimônio com ela.

A confiança da rainha nos seus charmes fazia-na encarar tal promessa como uma jura, obtida com habilidade, de não casar-se mais. O rei jurou, pois, com os

olhos marejados tudo o que a rainha queria.

A rainha morreu em seus braços e jamais um marido ficou tão triste e em prantos. Ao ouvi-lo soluçar noite e dia, julgou-se que o seu luto não duraria muito e que ele chorava seu amor póstumo como um homem apressado que desejava liquidar o assunto.

Não se enganavam. Ao fim de alguns meses ele quis começar uma nova escolha, mas a escolha não era fácil, era preciso ser fiel à promessa, que, portanto, a nova noiva deveria ser mais atraente e cheia de qualidades que a que acabara de falecer.

Nem a corte repleta de belezas, nem o campo, nem a cidade, nem os reinos ao redor aonde se foi procurar puderam encontrar tal mulher. Só a infanta era mais bela e possuía ainda ternos atrativos de que a falecida carecia. O próprio rei se deu conta e ardendo de um amor extremo, concluiu loucamente que devia desposar a própria filha. Encontrou mesmo um casuista que julgou que o caso era condizente. Mas a jovem princesa, triste de ouvir falar de tal amor, lamentava-se e chorava noite e dia.

Com a alma cheia de desgostos, ela foi ao encontro da madrinha que morava numa gruta remota ricamente ornada de madreperlas e corais. Era uma admirável fada que na sua arte não tinha comparação. Não será preciso dizer o que era uma fada nesses felizes tempos, pois tenho a certeza de que sua ama contou para você desde os seus mais verdes anos.

— Sei o que a traz aqui – disse a madrinha ao ver a princesa. Sei a profunda tristeza de seu coração, mas ao meu lado não precisa se preocupar mais. Nada poderá prejudicá-la, contanto que siga os meus conselhos. É verdade que sei pai quer desposá-la, escutar o seu pedido desvairado seria um grande erro, mas é possível recusá-lo sem que seu coração se enteneça por ele. Peça um vestido que seja da cor do Tempo. Apesar de todo o seu poder e de toda a sua riqueza, por mais que o céu em tudo favoreça os seus desígnios, o rei jamais poderá realizar essa promessa.

A princesa foi trêmula dizer ao pai apaixonado seu pedido. Imediatamente o rei chamou os alfaiates mais importantes e disse-lhes que se não fizessem, sem demasiada delonga, um vestido da cor do Tempo seriam enforcados.



O segundo dia ainda não raiara e já lhe traziam o vestido desejado: o mais belo azul-celeste, rodeado por grandes nuvens de ouro, de uma cor diáfana. A infanta, invadida de alegria e de tristeza, não soube o que dizer ou como fugir ao seu compromisso. Então a madrinha lhe sussurrou:

— Princesa, peça-lhe um mais brilhante e menos trivial, que seja da cor da Lua. Isso ele não lhe dará.

Mal a princesa tinha feito o seu pedido, o rei disse ao bordador:

— Que o astro não tenha mais esplendor e que em quatro dias, sem falta, entreguem-no para mim.

O rico vestido foi feito na data marcada, tal como o rei havia especificado. Nos céus onde a noite desdobra seus véus, a própria lua é menos pomposa que o vestido de prata, mesmo quando em seu máximo brilho, no meio do seu ciclo recorrente, faz empalidecer as estrelas.

A princesa, admirando o vestido, estava prestes a consentir. No entanto, inspirada pela madrinha, disse ao rei apaixonado:

— Só ficarei contente quando tiver um vestido ainda mais brilhante e de cor tão viva quanto o Sol.



O rei, que a amava de um amor arrebatado, mandou vir imediatamente um rico lapidador e encomendou-lhe que fizesse o vestido de um tecido soberbo de ouro e de diamantes, dizendo-lhe que se ele não o satisfizesse convenientemente,

faria-o morrer no meio dos mil tormentos.

O rei não teve que se dar ao trabalho porque o habilidoso artesão trouxe a preciosa obra antes de a semana terminar. Esta era tão bela, viva e radiante que o próprio louro amante de Clímene, quando passeia no arco dos céus no seu carro de ouro, não encandeia os olhos com mais intenso brilho.

A princesa confundida com estes presentes não sabia mais o que responder ao seu pai e rei. Mas, depressa, a madrinha a tomou pela mão e disse ao ouvido:

— Não hesite. Afinal, todos estes presentes não são assim tão grande maravilha. Veja, o rei tem aquele asno que, você sabe, incessantemente produz escudos de ouro. Peça a pele desse raro animal, sendo esta a fonte de toda a sua fortuna, ou muito me engano, isso não lhe será dado.

Embora, a fada fosse muito sábia, ela ignorava que o amor impetuoso pouco se importa à prata e ao ouro, desde que possa satisfazer-se. Galantemente, a pele foi concedida mal foi solicitada.

A infanta assustou-se terrivelmente quando lhe trouxeram a pele e queixou-se amargamente de sua sorte. A madrinha apareceu e explicou que quando se faz o bem nada se deve recear. Orientou-a deixar crer ao rei que ela estava totalmente disposta a sujeitar-se com ele à lei conjugal. Mas ao mesmo tempo ela deveria partir sozinha e bem disfarçada para algum estado longínquo a fim de evitar um mal tão certo e próximo.

— Eis aqui – prosseguiu ela – uma arca onde vamos colocar todos os seus vestidos, o seu espelho e artigos de toalete, assim como os seus rubis e diamantes. Dou-lhe ainda a minha varinha, se a levares na mão a arca seguirá seu caminho escondida sob a terra. E se quiser abrir o baú, basta tocar a varinha na terra para vê-lo perante seus olhos. Para se tornar irreconhecível, a pele de asno será um disfarce perfeito. Esconda-se bem dentro da pele, que ninguém acreditará, sendo tão feia, poder esconder algo tão belo.

Mal a princesa saía assim travestida da morada da fada madrinha, o rei que se aprontava para a celebração do feliz casamento, no frescor da manhã, ficou sabendo do seu funesto destino. Não houve casa, caminho ou bulevar que não fosse revistado prontamente. Mas foi em vão tanta agitação, ninguém podia adivinhar o que acontecera à princesa. Espalhou-se por todos os lados um triste e torpe desgosto. Afinal, não há bodas, não há baile, não há doces de festa. Desencorajadas, as damas da corte nem quiseram jantar, mas foi, sobretudo, o padre que ficou triste por almoçar tão tarde e não ter tido oferendas.



Neste ínterim, a infanta seguia o seu caminho com o rosto completamente sujo e cheio de gordura. A todos os andantes ela estendia a mão e tentava arranjar um lugar para servir, porém os menos delicados e os mais infelizes, vendo-a com tão mau aspecto e tão asquerosa, não queriam escutar nem recolher em casa uma criatura tão imunda. Ela andou bem longe, muito longe, ainda mais longe. E, enfim, entrecorreu que a moça chegou a uma granja onde se precisava de uma serviçal que lavasse trapos sujos e a pocilga dos porcos.

Instalaram-na num canto, ao fundo da cozinha, onde os criados, esses insolentes, não faziam senão zangá-la, contradizê-la e ralhar com ela. Perseguiam-na sob todos os pretextos, já não sabiam mais que peça lhe pregar e era o alvo cotidiano de todos os deboches e chistes.

Aos domingos tinha um pouco mais de descanso. Havendo cumprido as suas tarefas de manhã, entrava no quarto e, atrás da porta fechada, desencordia-se, abria a arca e alinhava os potinhos de beleza. Diante de seu grande espelho, contente e satisfeita, punha ora o vestido de Lua, ora aquele no qual brilhava o fogo do Sol, ora o belo vestido azul que todo o azul-celeste não conseguia igualar. Ficando triste apenas por não poder ver a cauda de seus belos vestidos derramarem-se sobre o estreitíssimo chão. Gostava de se ver assim jovem, rubra e branca, cem vezes mais elegante que qualquer outra, tal doce prazer amparava-a e permitia-lhe chegar ao domingo seguinte.

Quase me esquecia de dizer que nesta rica granja se fazia criação de aves para um rei poderoso e magnânimo. Ali havia galinhas da Índia, galinhas-d'água, galinhas-d'angola, alcatrazes, patos da Guiné e mil outros pássaros de bizarras maneiras, quase todos diferentes entre si, enchiam à vontade dez quintais inteiros.

O filho do rei vinha frequentemente repousar a este harmonioso lugar com os senhores da corte, bebendo água gelada, quando voltavam da caça. O seu ar era real, a sua expressão marcial e propícia a fazer estremecer os mais orgulhosos batalhões. Pele de Asno viu-o de bem longe com ternura e a ousadia fez com que ela percebesse, sob sua imundice e andrajos, que ainda batia um coração de princesa.



— Mas que porte majestoso ele tem, ainda que desprezioso! E como é amável – pensou ela –, que bem-aventurada é a jovem a quem o seu coração esteja prometido! Eu estaria mais bem vestida com um vestido sem valor, com o qual ele me tivesse honrado, do que com todos aqueles que tenho.

Um dia o príncipe, andando sem destino de paragem em paragem pela granja, passou numa área obscura onde ficava o humilde aposento de Pele de Asno. Por acaso pôs um olho no buraco da fechadura. Sendo dia de festa, ela tinha se arranjado ricamente e posto as esplêndidas roupas, tecidas de ouro fino e grandes diamantes, que rivalizavam com o sol na mais pura claridade. Contemplando-a, o príncipe ficou à mercê de seus desejos e tal foi seu deslumbramento que mal conseguia retomar o fôlego ao olhá-la. Independentemente dos vestidos, a beleza da face, o seu belo perfil, a sua alva branca, os seus traços finos, a sua frescura juvenil, deixaram-no cem vezes mais fascinado. Mas certo ar de grandeza, mais ainda, um pudor modesto e ajuizado, apoderaram-se de todo o seu coração. No calor do fogo, ele esteve três vezes para derrubar a porta. Mas, crendo ver uma divindade, por três vezes o seu braço se deteve por respeito.

No palácio, isolou-se pensativo, lá suspirava noite e dia. Não queria mais ir ao baile, embora fosse carnaval. Detestava a caça, detestava a comédia, já não tinha apetite e tudo lhe fazia mal ao coração, sendo o fundo de sua doença uma triste e mortal languidez.

Indagou-se sobre quem era aquela admirável ninfa que vivia em um recinto ao fundo de uma área tenebrosa, onde nada se vislumbrava em pleno dia.

— É Pele de Asno – disseram-lhe –, que nada tem de ninfa nem de bela. Chamam-na assim por causa da pele que traz sobre os ombros, é verdadeiro remédio para o amor, dado ser em suma o animal mais feio que se possa ver a seguir do lobo.

Podiam falar, ele não acreditava, os traços que o amor inscreveu estavam ainda presentes na sua memória e não serão dela apagados.

Entretanto, a rainha, de quem ele é filho único, chorava e se desesperava enquanto tentava em vão que ele declarasse a causa do seu mal. Ele gemeu, chorou, suspirou e nada disse. Apenas que queria que Pele de Asno lhe fizesse um bolo com as próprias mãos. A mãe não entendia o que o filho queria dizer:

— Ora, minha senhora! – disseram-lhe. Essa Pele de Asno é uma toupeira, ainda mais feia e repelente que a mais suja servente.

— Não importa – exclamou a rainha –, é preciso satisfazê-lo e é nisso apenas que devemos todos pensar.

A mãe o amava tanto que lhe teria dado ouro para comer se ele quisesse.



Assim Pele de Asno pegou a farinha, que avia mandado peneirar de propósito para obter uma massa mais fina, o sal, a manteiga e ovos frescos. E trancou-se no quarto para fazer bem o seu bolo. Primeiro lavou as mãos, os braços e o rosto. Pôs um suntuoso avental de prata e iniciou os preparos.

Dizem que por ter trabalhado às pressas caiu na massa um dos seus anéis de grande valor. Mas aqueles que supostamente conhecem bem esta história asseguram que ela pôs lá de propósito. Francamente, tal eu ousaria crer, estando seguro de que ela se dera conta quando o príncipe havia espiado a sua porta e a olhara pelo buraco da fechadura. Neste ponto a mulher é tão esperta e o seu olhar tão certo, que não se pode observá-la um só momento sem que ela saiba que a vimos. Tenho também a certeza e poderia jurá-lo de que ela não teve dúvida nenhuma de que o seu anel seria bem recebido pelo seu jovem amante.

Jamais ninguém assou um quitute tão delicioso. O príncipe achou tão bom que foi por pouco não engolir também o anel, tal era a sua fome gulosa. Quando viu a esmeralda da joia, assim como o estreito círculo de ouro que marcava a forma do dedo, o seu coração foi acometido por uma alegria incrível, que o guardou instantaneamente na sua cabeceira. Dado o seu mal aumentar, os

sagazes e experientes médicos vendo-o emagrecer a cada dia, julgaram pela sua grande ciência que ele estava doente de amor.

Como o casamento, por mais que o censurem, é a melhor das curas para tal doença, decidiram casá-lo. Primeiro ele se fez rogado, mas depois disse:

— Estou de acordo, desde que me deem em casamento a pessoa a quem este anel sirva.

Foi grande a surpresa do rei e da rainha perante este pedido peculiar, mas ele estava tão mal que não ousaram dizer não.

E assim começou a busca daquela a quem o anel deveria servir, independentemente do sangue ou posição. Não havia quem não quisesse ceder o seu direito a tal. Tendo corrido a notícia de que para pretender o príncipe havia de se ter o dedo delgado, as charlatãs viram sua vez e agora tinham os segredos de tornar os dedos bem finos. Uma mulher, seguindo um capricho grotesco, raspou o dedo como se fosse uma beterraba. Outra cortou um pedaço e apertou o dedo, crendo assim diminuí-lo. Outra ainda, usando certa poção para apequená-lo, descamou a pele. Enfim, não houve nada a que as damas não recorressem para fazer o dedo se ajudar ao anel.

O teste foi inaugurado pelas jovens princesas, as marquesas e as duquesas. Mas seus dedos, embora delicados, eram muito encorpados e não entravam. Também as condessas, as baronesas e demais pessoas nobres apresentaram a mão em vão.

Em seguida vieram as jovens mais pobres, algumas muito formosas, cujos belos e pequenos dedos pareceram por vezes ajustarem-se ao anel. Mas este, sempre demasiado pequeno ou demasiado redondo, recusava todas com o mesmo desdém.

Foi preciso chegar, enfim, às criadas, cozinheiras, servas rústicas e guardadoras de perus, numa palavra todo o rebotalho, cujas mãos vermelhas e escuras vinham tão cheias de esperança. Apresentaram-se moças cujo dedo, grande e compacto, teria tão dificilmente passado no anel do príncipe como um cabo através do furo de uma agulha.

Finalmente pensou-se ter concluído, já que faltava apenas a pobre Pele de Asno lá no fundo da cozinha. Mas como crer que o céu a destinasse a reinar? O príncipe disse:

— E por que não? Façam-na vir.

Todos desataram a rir, escarnecendo:

— O que pretende ele trazendo esta molambenta aqui?

Mas quando ela tirou dos ombros a pele negra, apresentou uma mãozinha

que parecia de marfim levemente tingido de púrpura e o seu dedinho foi envolto à justa pelo anel, a corte caiu numa surpresa insondável.

Levaram-na imediatamente ao rei, mas ela pediu que antes de aparecer perante seu amo e senhor lhe dessem tempo de pôr outro vestido. Em boa verdade, todos se preparavam para rir desse vestido. Mas quando ela voltou e atravessou as salas com a sua roupa suntuosa, cujas ricas belezas nunca haviam sido igualadas, então o seu charme e graça divinamente ressaltados por seus amáveis cabelos louros, em que se misturavam diamantes que faiscavam a luz dos seus grandes olhos azuis, doces, longos e cheios de orgulhosa majestade que fitavam nunca sem encantar. Sua cintura tão delgada e fina, que poderia ser abraçada por duas mãos. Por comparação, empalideceram os encantos das damas da corte e dos seus ornamentos.



Rodeado pela alegria e barulho de toda a assembleia, o bom rei estava fora de si ao descobrir na sua nora tantos atrativos, a rainha estava entontecida e o príncipe, seu querido amante, com a alma preenchida de mil prazeres, sucumbia sob o peso do seu êxtase. Imediatamente cada um tomou as medidas necessárias

ao casamento. O rei convidou todos os reis da vizinhança, os quais diversamente ornados com paramentos brilhantes deixaram os seus estados para estarem presentes nesse grande dia. Alguns chegaram das regiões da aurora, montados em grandes elefantes. Outros, vindos da costa mourisca, sendo mais feios, assustavam as crianças. Enfim, chegaram de todos os cantos do mundo e exuberaram na corte.

Nenhum rei, nenhum potentado apareceu com tanto esplendor como o pai da noiva. Outrora apaixonado por ela, o tempo havia purificado o fogo abrasador que consumira sua alma. Havia já banido qualquer desejo criminoso e o pouco que restava na sua alma dessa odiosa chama só tornava mais vivo o seu amor paternal. E assim que a viu:

— Bendito seja o céu que permite que eu te reveja, minha filha querida – disse ele, chorando de alegria e correndo para beijá-la ternamente.

O futuro esposo ficou muito contente em saber que se tornava o genro de um rei tão poderoso. Nesse momento chegou a madrinha, que contou toda a história e assim acabou de elevar Pele de Asno à glória.

Rapunzel
Jacob e Wilhelm Grimm

Era uma vez um homem e uma mulher que há muito tempo desejavam inutilmente ter um filho. Finalmente a mulher pressentiu que Deus estava prestes a conceder-lhe o desejo.

Na casa deles havia uma pequena janela na parte dos fundos, pela qual se via um magnífico jardim cheio das mais belas flores e das mais viçosas hortaliças. Em torno deste vasto jardim se erguia um muro altíssimo que ninguém se atrevia a escalar, porque tudo pertencia a uma temida e poderosa feiticeira.

Um dia, a mulher debruçou-se na janela e olhando para o jardim viu um pequeno canteiro onde era plantado rapunzel, um tipo de alface. As folhas pareciam tão frescas e verdes que abriram seu apetite e ela sentiu um enorme desejo de prová-las. Esse desejo aumentava a cada dia, mas ela sabia que jamais poderia comer daquele rapunzel. Até que começou a definir e empalidecer. Então, o marido se assustou e perguntou:

— O que tens, esposa querida?

— Ah – ela respondeu –, vou morrer se eu não puder comer um pouco daquele rapunzel do jardim atrás de nossa casa.

O homem, que a amava muito, pensou:

“Preciso conseguir um pouco daquele rapunzel antes que minha esposa morra, custe o que custar!”

Ao cair da noite, o marido subiu no muro, pulou para o jardim da feiticeira, arrancou às pressas um punhado de rapunzel e levou para sua mulher. Ela fez imediatamente uma saborosa salada e comeu ferozmente. Estava tudo tão gostoso, mas tão gostoso, que no dia seguinte seu apetite por ele triplicou. Então o marido não viu outra forma de acalmar a esposa, senão buscar mais um pouco.



Na escuridão da noite, pulou novamente o muro. Mas assim que pôs os pés no jardim, ele foi terrivelmente surpreso pela feiticeira que estava em pé bem diante dele.

— Como ousa entrar em meu jardim e roubar meu rapunzel como um ladrãozinho barato? – disse ela com os olhos chispando de raiva. Há de sofrer por isso!

— Oh, por favor – implorou ele –, tenha misericórdia, fui coagido a fazê-lo. Minha esposa viu seu rapunzel pela janela e sentiu um desejo tão intenso que morreria se não o comesse.

A feiticeira se acalmou e disse-lhe:

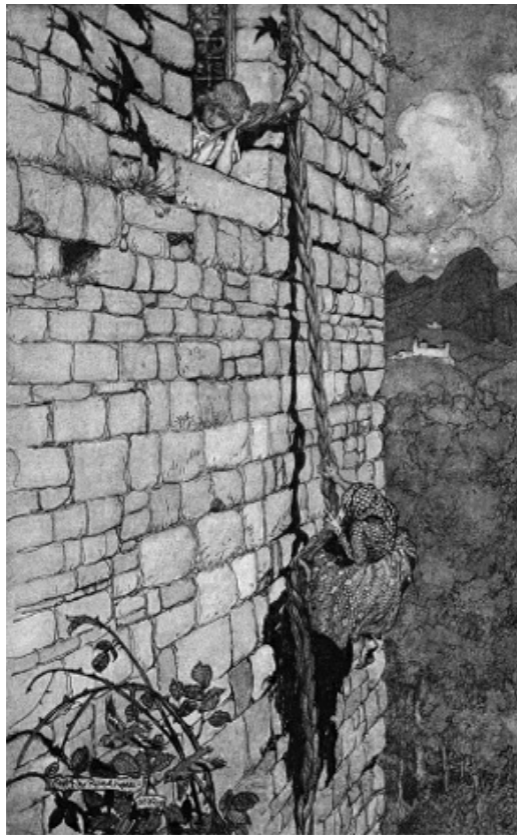
— Se o que está dizendo é verdade, permitirei que leve tanto rapunzel quanto queira. Só imporei uma condição: irá me dar a criança que tua mulher vai trazer ao mundo. Cuidarei dela como se fosse sua própria mãe e nada lhe faltará.

O homem em seu terror consentiu com tudo. Quando a esposa deu à luz, a feiticeira apareceu pontualmente, levou a criança e deu-lhe o nome de Rapunzel.

Rapunzel cresceu e se tornou a criança mais bonita sob o sol. Quando fez doze anos, a feiticeira a levou para a floresta e trancou-a em uma torre que não

tinha escadas nem portas. Apenas bem no alto havia uma pequena janela. Quando a velha desejava entrar, colocava-se embaixo da janela e gritava:

— Rapunzel, Rapunzel, jogue suas tranças!



Rapunzel tinha magníficos cabelos compridos, finos como fios de ouro. Quando ouvia o chamado da feiticeira, desenrolava suas tranças e prendia os cabelos em um dos ganchos da janela. Assim as tranças caíam até o chão e a feiticeira subia por elas.

Depois de um ou dois anos, o filho de um rei estava cavalgando pela floresta e passou pela torre. Quando estava bem próximo, ouviu uma voz encantadora e parou para ouvir a bela melodia. Esta era Rapunzel, que em sua completa solidão passava seus dias cantando. O príncipe queria subir e procurou em volta da torre uma porta, mas nenhuma foi encontrada. Ele montou em seu cavalo e voltou para o castelo.

Sobretudo, o canto tinha tocado tão profundamente seu coração que passou a ir à floresta todos os dias, até a torre, para ouvir a doce voz. Certa vez, ele estava em pé atrás de uma árvore, quando viu a feiticeira e a ouviu clamando:

— Rapunzel, Rapunzel, jogue suas tranças!

Então, a moça jogou as tranças e a feiticeira subiu até ela.



“Se essa é a escada pela qual se sobe à torre, também tentarei eu subir” – pensou ele.

E no dia seguinte, quando começou a escurecer, o príncipe foi para a torre e gritou:

— Rapunzel, Rapunzel, jogue suas tranças!

Imediatamente o cabelo caiu e o filho do rei subiu.

Assim que o viu, Rapunzel ficou terrivelmente assustada, pois nunca tinha visto um homem. Mas o príncipe começou a falar de forma muito gentil e cheio de sutilezas, bem como um amigo. Disse que seu coração ficou transtornado ao ouvi-la e que não teria paz se não a conhecesse. Então, Rapunzel se tranquilizou e quando o príncipe lhe perguntou se o aceitava como marido, reparou que ele era jovem e belo.

“Ele vai me amar mais do que a velha mãe Gothel” – pensou Rapunzel. E colocando as mãos na dele, respondeu:

— Eu irei contigo de boa vontade, mas não sei como descer. Traga contigo uma meada de seda cada vez que vier e com ela vou tecer uma escada. Quando estiver pronta, eu descerei e poderá me levar em seu cavalo.

Combinaram que, até chegada a hora de partir, ele viria todas as noites, porque a velha sempre vinha durante o dia. Assim foi, e a feiticeira de nada desconfiava até que um dia Rapunzel perguntou:

— Diga-me, mãe Gothel, por que é mais difícil içar a senhora do que o jovem filho do rei? Ele chega até mim em um instante.

— Ah, criança má! – vociferou a feiticeira. O que eu ouço você dizer? Eu pensei que tinha separado a ti de todo o mundo e ainda tu tens me traído.

Em sua ira, agarrou as belas tranças de Rapunzel, envolveu-as em sua mão esquerda, pegou uma tesoura com a direita e, zip, zap, as tranças foram cortadas e caíram no chão. A mãe Gothel era tão impiedosa que levou a pobre Rapunzel para um deserto onde ela teria de viver em grande sofrimento e miséria.

Porém, no mesmo dia que expulsou Rapunzel, a feiticeira prendeu as tranças cortadas no gancho da janela. Quando o príncipe veio e chamou:

— Rapunzel, Rapunzel, jogue suas tranças!

Ela deixou o cabelo cair. O filho do rei subiu, mas não encontrou sua amada Rapunzel, em seu lugar aguardava a feiticeira com um olhar maléfico e peçonhento.

— Ahaa! – ela gritou zombeteira. Veio buscar sua esposa queridinha? Mas o belo pássaro já não canta no ninho, a gata a pegou e vai rascar os teus olhos também. Rapunzel está perdida para ti, nunca mais irá vê-la.

RAPUNZEL



O RAPUNZEL, RAPUNZEL!
LET DOWN THINE HAIR.

O príncipe ficou fora de si e, em seu desespero, se atirou pela janela da torre. Ele escapou com vida, mas os espinhos em que caiu perfuraram os seus olhos. Então, ele perambulou cego pela floresta, não comia nada além de frutos e raízes. Tudo o que fazia era lamentar e chorar a perda de sua amada.

Andou por muitos anos sem destino na miséria. E finalmente chegou ao deserto no qual Rapunzel vivia, na penúria, com seus filhos gêmeos, um menino e uma menina que haviam nascido ali.

Ouvindo uma voz que lhe parecia tão familiar, o príncipe seguiu na direção de Rapunzel e quando se aproximou, ela logo o reconheceu e se atirou em seus braços a chorar. Duas de suas lágrimas caíram nos olhos dele e, no mesmo instante, o príncipe pôde enxergar novamente. Então, levou-a para o seu reino, onde foram recebidos com grande alegria e festas. Lá viveram completamente felizes por muitos e muitos anos.

Chapeuzinho Vermelho
Charles Perrault

Era uma vez uma menininha que era amada por todos que a conheciam, mas acima de todos era muito amada por sua avó, e não havia nada que ela não teria dado a esta criança. Certa vez, a avó lhe deu um capuz de veludo vermelho e a garotinha passou a usá-lo o tempo inteiro, por isso ficou conhecida como Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, sua mãe disse:

— Pegue aqui, Chapeuzinho Vermelho, bolos e uma garrafa de vinho e leve-os para sua avó. Ela está fraca e doente, e isto fará com que se sinta melhor. Vá logo, antes que o sol esquite muito. Quando estiver na floresta, não se desvie do caminho, seja uma boa menina e obedeça-me. Caso contrário, você pode cair e quebrar a garrafa e sua avó não terá nada para beber. E ao entrar na casa de sua avó, não se esqueça de dizer-lhe bom dia, antes de ficar perambulando pelos cantos.

— Eu vou fazer exatamente o que disse, mamãe.



A avó morava no meio da floresta, cerca de meia hora andando da vila.

Assim que Chapeuzinho Vermelho colocou o pé na floresta, um lobo se apresentou. Ela não sabia o quão perverso a criatura era, e não sentiu medo algum naquele momento.

— Bom dia, Chapeuzinho Vermelho! – saudou o lobo.

— Bom dia Senhor Lobo! – ela respondeu.

— Para onde está indo tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

— Para a casa de minha avó.

— O que você tem em seu avental?

— Bolos e vinho, nós os fizemos ontem. A vovó está doente e fraca, precisa de algo bom para fazê-la sentir-se melhor.

— Onde é a casa de sua avó, Chapeuzinho Vermelho?

— Há um quarto de hora mais adentro da floresta, sua casa está entre três grandes carvalhos. Você com certeza conhece a casa, fica cheia de nozes a sua volta.

O lobo pensou consigo mesmo: “Que criatura tenra! Seu gosto sem dúvida será melhor do que a velha. Devo agir astuciosamente para devorar as duas”.

Então, ele caminhou por um curto tempo ao lado dela e disse:



— Veja Chapeuzinho Vermelho, já notou as belas flores que estão ao seu redor? Pare para admirá-las por um momento. Sei que também não percebeu quão doce os passarinhos estão cantando. Você anda com a seriedade de quem faz o caminho da escola. Enquanto tudo é mais belo e alegre na floresta.

Chapeuzinho Vermelho levantou os olhos e quando viu os raios de sol bailando aqui e ali por entre as árvores e belas flores crescendo em todos os lugares, ela pensou: “Se eu levar um buquê de flores viçosas, a vovó ficará encantada. É tão cedo ainda, que chegarei ainda cedo”.

Então ela saiu correndo de um lado para o outro procurando as flores mais bonitas. E sempre que ela colhia uma, via a frente outra ainda mais bela, e corria para juntá-la a seu buquê, e assim adentrava mais e mais à floresta.

Enquanto isso, o lobo correu à casa da avó e bateu na porta.

— Quem está aí? – perguntou a avó.

— Chapeuzinho Vermelho – respondeu. Trago bolos e vinho. Abra a porta vovó.

— Levante o trinco, querida – bradou a avó. Estou muito fraca e não posso levantar-me da cama.

O lobo levantou o trinco, a porta se abriu, e, sem dizer uma palavra, foi direto para a cama da avó. Devorou-a. Então ele vestiu suas roupas, colocou o gorro para dormir, deitou-se na cama e fechou as cortinas.



Chapeuzinho Vermelho, no entanto, estava correndo procurando flores. Ela colheu tantas que mais nenhuma caberia em seus braços. Só então se lembrou de sua avó e partiu a caminho para a casa. Ela ficou surpresa ao encontrar a porta aberta e quando entrou no quarto, sentiu algo esquisito, e disse para si mesma: “Oh meu Deus! Normalmente sinto-me muito bem na casa da vovó. Mas alguma coisa está estranha”. Ela gritou:

— Bom dia! – mas não recebeu nenhuma resposta, portanto ela foi até o quarto e afastou as cortinas. Ali estava sua avó com seu gorro de dormir cobrindo o rosto e olhando estranhamente.

— Oh, vovó – disse Chapeuzinho Vermelho –, que orelhas grandes você tem!

— Para melhor ouvi-la, minha querida – foi a resposta.



- Mas, vovó, que olhos grandes você tem!
- Para vê-la melhor, minha netinha.
- Mas, vovó, que mãos grandes você tem!
- Para melhor abraçá-la.
- Oh! Mas, vovó, que boca grande e assustadora você tem!
- Para comê-la melhor!

E, mal terminou as palavras, o Lobo em um salto estava fora da cama e engoliu abruptamente a pobre Chapeuzinho Vermelho.

Quando o lobo tinha apaziguado seu apetite, deitou-se novamente na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. Um caçador estava passando por perto da casa e pensou consigo mesmo: “Como esta velha ronca alto! É melhor ver se há algo errado”. Então ele entrou na casa e foi para o quarto, quando se aproximou da cama, viu que o Lobo estava deitado nela.

— Enfim te encontrei velho pecador! – disse ele. — Eu tenho te procurado por muito tempo!

Em seguida, o caçador pegou a espingarda e prestes a atirar pensou: “Este lobo pode ter engolido a velha, talvez ainda possa salvá-la”. Sendo assim, com

um par de tesouras, começou a cortar e abrir o estômago do lobo ainda dormindo. Quando ele fez dois cortes, viu um capuz vermelho brilhando, depois fez mais cortes e a menina saltou para fora chorando:

— Ah, como fiquei aterrorizada! Como estava escuro dentro do lobo.

Embora, mal conseguisse respirar, a avó frágil conseguiu sair da barriga do lobo.

No entanto Chapeuzinho Vermelho, rapidamente, buscou pedras grandes para encher o corpo do lobo. E quando ele acordou, tentou fugir, mas as pedras eram tão pesadas que suas pernas não aguentaram e ele caiu morto.

Em seguida, os três ficaram orgulhosos. O caçador retirou a pele do lobo e foi para casa com ele. A avó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho Vermelho havia trazido, e recuperou a saúde. Mas a menina pensou consigo mesma: “Enquanto eu viver, nunca vou abandonar o caminho e correr pela floresta, vou fazer conforme as ordens da mamãe, como uma boa menina”.



Há outra história, em que uma vez Chapeuzinho Vermelho foi novamente levar bolos para a sua velha avó. Outro lobo, mais velho que o primeiro, falou

com ela, e tentou seduzi-la para dentro da floresta. Chapeuzinho Vermelho, no entanto, estava segura e foi direto pelo caminho correto. Assim que chegou, contou a sua avó que havia encontrado um lobo e que ele tinha dito “bom dia” para ela, mas com um olhar tão perverso em seus olhos, que se não estivessem a céu aberto a teria devorado ali mesmo.

— Bem – disse a avó –, nós vamos fechar a porta e ele não poderá entrar.

Logo depois, o lobo bateu e clamou:

— Abra a porta, vovó. Sou eu, Chapeuzinho Vermelho. Trouxe alguns bolos.

Mas elas ficaram em completo silêncio e não abriram a porta. Então, o grisalho rondou duas ou três vezes a casa e, finalmente, saltou sobre o telhado, com a intenção de esperar até que Chapeuzinho Vermelho fosse para casa à noite, para devorá-la na escuridão. Mas a avó previu o que estava em seus pensamentos.

Na frente da casa havia um cocho de pedra grande, então, ela disse a neta:

— Pegue o balde, Chapeuzinho Vermelho. Eu fiz algumas salsichas ontem, jogue a água na calha.

Chapeuzinho Vermelho jogou a água na calha até encher. Em seguida, o cheiro das salsichas alcançou as narinas do lobo e ele foi esticando o pescoço para olhar em volta de onde vinha o odor. Olhou para baixo e estendeu tanto o pescoço que perdeu o equilíbrio e começou a deslizar, escorregando telhado abaixo, até que caiu no cocho grande e se afogou. Então, Chapeuzinho Vermelho foi alegremente para casa e nunca mais fez mal a ninguém.

A Amendoeira
Jacob e Wilhelm Grimm

Há muito muito tempo atrás, há cerca de dois mil anos, havia um homem rico com uma esposa formosa. Os dois tinham muita fé, amavam-se e desejavam do fundo de seus corações um ou mais filhos. Então, a esposa orava todos os dias e todas as noites.

Em frente a casa havia um jardim esplendoroso e nasceu lá uma bela amendoeira. Num dia de inverno, a mulher estava embaixo da árvore e ao tentar pegar uma amêndoa que caía se cortou com a casca e o sangue caiu sobre a neve.

— Ah! — disse a mulher, suspirando profundamente e olhando para o sangue. Se eu pudesse ter um filho com lábios vermelhos como o sangue e de pele tão branca como a neve!

Ela ficou feliz depois de dizer isso, pois sentiu em seu coração que algo muito bom estava por vir e assim voltou para dentro de casa.

Passado um mês, a neve derreteu. Passados dois meses, a grama estava verde. Em três meses, as flores brotaram da terra. No quarto mês, as árvores estavam cheias de folhas e os ramos densamente entrelaçados, os passarinhos começaram a cantar de modo que a floresta ecoou e as flores caíram das árvores. Quando passou o quinto mês, a mulher estava debaixo da árvore e viu um pequeno fruto brotar. Seu perfume era tão doce que seu coração saltou de felicidade. Depois do sexto mês, o fruto já estava firme e maduro. Ela não contou nada a ninguém e, no sétimo mês, reuniu as amêndoas e comeu-as avidamente. No oitavo mês, sentiu-se doente e, em lágrimas, chamou o marido a dizer:

— Se eu morrer enterre-me debaixo da amendoeira.

Assim que se acalmou e se sentiu melhor e o nono mês havia passado, deu à luz a um filho de pele branca como a neve e lábios vermelhos como o sangue. Quando viu que seu desejo fora realizado, sua felicidade era tamanha que morreu.

Seu marido a enterrou sob a árvore de amêndoas e chorou dia após dia. O tempo passava e a dor diminuía. Com certo tempo, a tristeza tornara-se lembrança, quando enfim parou de sofrer, casou-se novamente.

THE
ALMOND TREE.



KYWITT, KYWITT, KYWITT, I CRY,
OH WHAT A BEAUTIFUL BIRD AM I!

A segunda esposa lhe deu uma filha e assumiu o filho de sua primeira esposa: o garotinho de pele branca como a neve e os lábios vermelhos como o sangue. Sempre que a mulher olhava para a filha sentia grande amor por ela, mas sempre que olhava para o menino, sentia como se seu coração adoecesse e pensamentos maléficos passavam em sua cabeça. E não importava o que o menino fizesse, parecia que ele sempre se opunha a seu caminho. A mulher maquinava como sua amada filha poderia herdar tudo do marido sem que o menino atrapalhasse. Assim, tomou grande ódio por ele, levava-o de um canto para outro lhe dando tapas ou beliscões, de modo que a pobre criança estava sempre em desgraça, mesmo quando voltava para casa depois do horário escolar, nunca tinha paz.

Certo dia, a mulher entrou na cozinha e sua filhinha a seguiu dizendo:

— Mãe, me dá uma maçã?

— Claro que sim, minha querida – disse a mãe que deu uma maçã vermelha e apetitosa retirada de um baú de tampa grande e pesada com uma trava de ferro muito forte.

— Mãe, meu irmão pode ganhar uma também?

A mulher se irritou com a pergunta, mas respondeu:

— Sim, quando ele voltar da escola.

Quando ela viu pela janela que o menino estava chegando, um mau pensamento cruzou sua mente e tomou a maçã de sua filhinha, dizendo:

— Você não deve comer antes de seu irmão.

Então, jogou a maçã de volta no baú e fechou com a tampa. Em seguida, o menino chegou à porta e ela disse-lhe num tom gentil, porém com feições maliciosas:

— Meu filho, você aceita uma maçã?

— Mãe – disse o menino –, por que está me olhando desse jeito? Sim, aceito!

Segurando a tampa do baú, falou tão bondosamente quanto antes:

— Venha aqui e pegue uma.

Quando o menino estava debruçado sobre o baú aberto, maus pensamentos rodearam a cabeça da mulher e bum. Ela deixou a tampa cair, decependo a cabeça dele que voou por entre as maçãs vermelhas. Mas, então, a mulher sentiu grande terror e se perguntou como poderia escapar da culpa. Ela foi até a cômoda em seu quarto, pegou um lenço branco na gaveta mais próxima, colocou a cabeça de volta no pescoço, atou-os com o lenço para que nada fosse visto e

sentou-o sobre uma cadeira em frente a porta com a maçã na mão.

A pequena Marlene veio à cozinha onde sua mãe estava em pé diante do fogo mexendo uma panela de água quente.

— Mãe – disse Marlene –, meu irmão está sentado com uma maçã na mão, mas parece muito pálido, pedi para me dar a maçã e ele não me respondeu, está muito estranho.

— Vá de novo até ele – disse a mãe –, e se não responder lhe dê um tapa ao pé do ouvido.

Marlene passou novamente e disse:

— Irmão, me dá uma maçã.

Mas como não houve reação, ela lhe deu um tapão na orelha, a cabeça caiu e rolou. Quando viu, a menina ficou mortificada e muito apavorada começou a chorar e a gritar ao mesmo tempo enquanto corria em direção a sua mãe:

— Mãe! Eu bati na cabeça do meu irmão e ela caiu!

E a pequenina não parava de chorar.

— Oh, Marlene! – disse a mãe. Que coisa terrível você fez. Não conte nada nem a sua sombra, não há nada que possamos fazer. Bem, vamos cozinhá-lo.

A mãe cortou o garoto em pedacinhos e os juntou à panela onde cozinhava um guisado para o jantar. Marlene aumentou o fogo e, de tanto que chorou, o prato nem precisou de sal, pois suas lágrimas salgaram o guisado.

Quando o pai chegou a casa e se sentou à mesa, perguntou:

— Onde está meu filho?

Mas a mãe estava enchendo um grande prato cheio de guisado e Marlene chorava amargamente, não conseguia parar de soluçar. Então o pai perguntou outra vez:

— Onde está meu filho?

— Oh – disse a mãe –, ele foi para a cidade de sua tia-avó, mas ficará por pouco tempo.

— O que ele pensa estar fazendo? – disse o pai. Não pediu autorização, sequer deu adeus!

— Oh! – exclamou a mulher. Ele queria tanto ir e me pediu para deixá-lo ficar lá seis semanas. Ele será bem cuidado.

— Meu Deus – disse o pai. Isso faz com que eu fique muito triste, isso não está certo. Ele deveria ter se despedido de mim.

Com isso começou a comer, questionando:

— Marlene, por que você está chorando? Seu irmão logo volta.

Depois de um tempo, disse:

— Oh, querida esposa, a comida está ótima, me dê mais um pouco.

E quanto mais comia mais queria, até que comeu tudo, jogando os ossinhos debaixo da mesa.

Marlene, então, foi para a sua cômoda e pegou um de seus melhores lenços na gaveta. Recolheu todos os ossos debaixo da mesa e embrulhou-os em seu lenço. Saiu pela porta chorando penosamente. Depositou-os na grama verde debaixo da amendoeira e imediatamente seu coração se acalmou. Finalmente, ela parou de chorar.

Em seguida, a amendoeira começou a bailar para lá e para cá e os ramos se juntavam e separavam como um bater de palmas de alegria. Uma nuvem se levantou da árvore e no meio uma chama se acendeu e começou a queimar as folhas. Do fogo surgia um belo pássaro cantando docemente. E num disparo para o alto, o pássaro gracioso voou para longe.

A amendoeira permaneceu como era antes, mas o lenço cheio de ossos havia desaparecido. Marlene sentiu-se muito feliz e alegre, como se o irmão ainda estivesse vivo. Então, voltou alegremente para casa, sentou-se à mesa e jantou.

O pássaro voou para longe, empoeirou-se no telhado da casa de um ourives e começou a cantar:

*Foi minha mãe que me matou;
Foi meu pai que comeu de mim;
Foi minha irmãzinha Marlene
Que todos meus ossos juntou em um lenço imaculado,
E colocou-os sob a amendoeira.
Oh, que lindo pássaro eu sou!*

O ourives estava sentado em sua loja fazendo uma corrente de ouro e, quando ouviu o pássaro cantando em cima de seu telhado, levantou-se para verificar o nobre som que ouvia. Logo que passou pela soleira perdeu um de seus chinelos e mesmo assim foi até o meio da rua, com um chinelo em um pé e apenas uma meia no outro. Também usava seu avental de trabalho, a corrente de ouro em uma mão e as pinças na outra. Debaixo do sol olhando o pássaro, disse:

— Pássaro, você canta tão lindamente, cante para mim novamente.

— Não – disse o pássaro. Eu não canto por nada duas vezes. Se você me der essa corrente de ouro eu canto para você de novo.

— Muito bem – disse o ourives –, aqui está a corrente de ouro. Agora cante

outra vez.

O pássaro voou subitamente, pegou a corrente de ouro com sua garra direita e empoleirado na frente do ourives, começou a cantar:

*Foi minha mãe que me matou;
Foi meu pai que comeu de mim;
Foi minha irmãzinha Marlene
Que todos meus ossos juntou em um lenço imaculado,
E colocou-os sob a amendoeira.
Oh, que lindo pássaro eu sou!*

O pássaro voou para a casa de um sapateiro, pousou em seu telhado e cantou:

*Foi minha mãe que me matou;
Foi meu pai que comeu de mim;
Foi minha irmãzinha Marlene
Que todos meus ossos juntou em um lenço imaculado,
E colocou-os sob a amendoeira.
Oh, que lindo pássaro eu sou!*



Quando ouviu o canto, o sapateiro correu para fora com as mangas da camisa arregaçadas e, colocando as mãos sobre a testa para proteger seus olhos do sol, olhou para o telhado de sua casa.

— Pássaro – disse ele –, como você canta lindamente.

Então da porta ele chamou:

— Esposa, venha aqui fora por um momento, há um pássaro no telhado. Veja como ele canta bem.

Depois chamou sua filha, todos os seus filhos, os conhecidos, também chamou aqueles que passavam e os servos. Todos saíram de suas casas, foram até a rua para admirar o bellissimo pássaro. Ele que tinha penas vermelhas e verdes e, em volta de sua garganta, parecia ter uma fita de ouro puro, seus olhos brilhavam como estrelas.

— Pássaro – disse o sapateiro –, cante aquela música novamente.

— Não – disse o pássaro. Eu não canto duas vezes por nada. Você deve me dar alguma coisa.

— Esposa, vá até a loja, na prateleira de cima tem um par de sapatos vermelhos, traga-os aqui.

A mulher foi e trouxe os sapatos.

— Aqui. Agora cante a música outra vez.

E o pássaro voou até o sapateiro, pegou os sapatos com sua garra esquerda, voou novamente para o telhado e cantou:

Foi minha mãe que me matou;

Foi meu pai que comeu de mim;

Foi minha irmãzinha Marlene

Que todos meus ossos juntou em um lenço imaculado,

E colocou-os sob a amendoeira.

Oh, que lindo pássaro eu sou!

Quando terminou, voou para longe com a corrente em sua garra direita e os sapatos em sua garra esquerda. Voou até chegar a um moinho, e o moinho fez o som de “clickety-clack, clickety-clack, clickety-clack”. Dentro do moinho havia vinte moleiros batendo em uma rocha do moinho, soando como “hick-hack, hick-hack”, enquanto a fábrica fazia “clickety-clack, clickety-clack, clickety-clack”. E o pássaro empoleirado em uma tília^[1] em frente ao moinho, cantou:

Foi minha mãe que me matou;

E um dos homens parou o trabalho.

Foi meu pai que comeu de mim;

Em seguida, mais dois homens pararam de trabalhar para ouvir.

Foi minha irmãzinha Marlene

Mais quatro homens pararam de trabalhar.

Que todos meus ossos juntou em um lenço imaculado,

Agora, havia apenas oito homens trabalhando.

E colocou-os sob a amendoeira.

Cinco homens ainda trabalhavam.

Oh, oh, oh!

Agora apenas um.

Oh, que lindo pássaro eu sou!

Enfim, o último parou e só ouviu o final.

— Pássaro – disse ele –, como você canta lindamente, deixe-nos ouvi-lo cantar de novo!

— Não – disse o pássaro. Eu não canto duas vezes por nada. Se você me der esta mó [\[2\]](#) cantarei novamente.

— Se a mó pertencesse a mim – disse o homem –, eu daria a você.

— Se o pássaro cantar outra vez – disseram os outros –, pode pegar a mó.

Todos os moleiros soltaram a pedra da trave e levantaram-na. O pássaro desceu, enfiou a cabeça pelo buraco no meio da mó e com a pedra em seu pescoço voou até a árvore e cantou:

*Foi minha mãe que me matou;
Foi meu pai que comeu de mim;
Foi minha irmãzinha Marlene
Que todos meus ossos juntou em um lenço imaculado,
E colocou-os sob a amendoeira.
Oh, que lindo pássaro eu sou!*

Quando ele terminou, abriu as asas e voou tendo na garra direita a corrente, na garra esquerda os sapatos vermelhos, em volta do pescoço a mó. Voou muito até que chegou à casa de seu pai.

Na sala estavam todos à mesa quando o pai disse:

— Como estou alegre, me sinto tão despreocupado.

— Eu não – disse a mãe. Estou temerosa, como se uma grande tempestade estivesse chegando.

Entretanto, Marlene sentou-se à mesa chorando. O pássaro veio voando e pousou no telhado.

— Oh – disse o pai –, eu me sinto tão feliz. O sol está brilhando tão forte, é como se eu estivesse prestes a encontrar com um velho amigo.

— Eu não – disse a esposa. Eu estou apavorada, meus dentes estão tremendo e parece que há fogo em minhas veias – e ela rasgou seu vestido para que o ar a refrescasse.

Marlene se sentou num canto com seu avental, chorava e levava o avental até os olhos. De tanto que chorou, seu avental ficou completamente encharcado de lágrimas. Então o pássaro voou até a amendoeira, empoleirou-se num galho e cantou:

Foi minha mãe que me matou;

E a mãe tapou os ouvidos e fechou os olhos, pois ela não queria ouvir nem ver nada. No entanto, o rugido em seus ouvidos era de uma tempestade selvagem e seus olhos queimavam como relâmpagos.

Foi meu pai que comeu de mim;

— Ó mãe! – disse o pai. Há um belo pássaro lá fora e canta gloriosamente. O sol brilha calorosamente e tudo cheira tão doce como canela.

Foi minha irmãzinha Marlene

A pequena Marlene escondeu o rosto no colo e chorou mais ainda, e o pai disse:

— Eu preciso ir lá fora ver o pássaro de perto.

— Oh não vá! – disse a esposa. Eu sinto como se a casa estivesse sendo consumida pelo fogo.

Mas o homem saiu e olhou para o pássaro.

Que todos meus ossos juntou em um lenço imaculado,

E colocou-os sob a amendoeira.

Oh, que lindo pássaro eu sou!

Assim que o pássaro terminou a canção, deixou cair a corrente de ouro no pescoço de seu pai, que se adaptou perfeitamente a ele. Então, foi para casa e disse:

— Olhem que belíssimo pássaro está lá fora, ganhei dele esta linda corrente de ouro. É quase tão bonita quanto o pássaro!

A esposa estava tão aterrorizada que caiu desmaiada, suas mãos destamparam seus ouvidos e o pássaro começou a cantar de novo:

Foi minha mãe que me matou;

— Oh – gemeu a mãe –, eu preferiria ser engolida pela terra a ser obrigada a ouvi-lo.

Foi meu pai que comeu de mim;

A mulher caiu novamente como se estivesse morta.

Foi minha irmãzinha Marlene

— Oh – disse Marlene –, vou sair também e ver se o pássaro me dará alguma coisa. E assim ela foi.

Que todos meus ossos juntou em um lenço imaculado,

Então ele jogou os sapatos vermelhos para ela.

E colocou-os sob a amendoeira.

Oh, que lindo pássaro eu sou!

Marlene ficou tranquila e sentiu-se feliz e alegre. Ela colocou seus novos sapatos vermelhos, dançou, pulou de alegria e correu para dentro de casa.

— Oh! – disse ela. Eu me sentia tão triste antes de sair e agora meu coração está tão contente! Ele é um pássaro encantador, me deu um par de sapatos vermelhos.

A mulher levantou-se bruscamente, seu cabelo parecia em chamas, e disse:

— Mesmo se este for o fim do mundo, se eu for lá fora, talvez me sinta melhor também.

Assim que a mulher passou a porta – bum – o pássaro soltou a mó sobre a cabeça dela, esmagando-a até a morte. O pai e a pequena Marlene saíram correndo para fora da casa e viram fumaça e chamas de fogo levantar-se do galho da amendoeira, mas quando a fumaça dissipou, o irmão mais novo estava de volta. Ele levou o pai e a irmã pela mão e ficaram cheios de alegria, voltaram para dentro da casa, sentaram-se à mesa e jantaram.

[1] - Árvore típica da família das tiliáceas, constituída de árvores nativas nas regiões temperadas.

[2] - Pedra de moinho ou pedra para amolar objetos cortantes.

A Pequena Vendedora de Fósforos
Hans Christian Andersen

Era véspera de ano-novo. Já estava escurecendo e fazia um frio intenso com a neve caindo. Mas a despeito de todo o frio, e da neve, e da noite, que caía rapidamente, via-se uma menininha descalça e de cabeça descoberta. Bem, é verdade que estava usando chinelos quando saíra de casa, mas os chinelos eram muito grandes, pois eram os que a mãe usava, e escaparam-lhe dos pezinhos gelados quando atravessou correndo pela rua para fugir de duas carruagens que vinham em disparada. Não foi possível achar um dos chinelos, pois o outro fora apanhado por um rapazinho, que saiu correndo, gritando que aquilo ia servir de berço aos seus filhos quando os tivesse.

A menina continuou a andar, agora com os pés descalços e gelados. Levava no avental velhinho uma porção de pacotes de fósforos. Tinha na mão uma caixinha: não conseguira vender uma só em todo o dia e ninguém lhe dera sequer um níquel. Assim, esmaecendo de fome e de frio, ia se arrastando pensamente, vencida pelo cansaço e desânimo, parecia a imagem viva da miséria. Os flocos de neve caíam pesados sobre os lindos cachos dourados que lhe emoldurava graciosamente o rosto, mas para a menina isso nada valia, nem lhe era importante. Pelas janelas das casas, via as luzes que brilhavam lá de dentro. Sentia-se na rua um cheiro bom de ganso assado, ora era a véspera de ano-novo, isso sim, ela não esquecia.



Achou um canto, formado pela saliência de uma casa, e acocorou-se ali com os pés encolhidos para abrigá-los ao calor do corpo, mas cada vez sentia mais e mais frio. Não se animava a voltar para casa, porque não tinha vendido

uma única caixinha de fósforos e não ganhara sequer um níquel. Era certo que levaria uma sova do pai por nada ter vendido e em sua casa era quase tão frio quanto ali, pois só tinham o teto para proteção e ainda assim o vento entrava uivando, apesar dos trapos e das palhas com que lhe tinham tapado as enormes frestas.

O frio era tanto que as mãozinhas estavam gélidas, endurecendo de frio. Quem sabe se acendesse um fósforo ajudasse a aquecer. Se se animasse a tirar ao menos um da caixinha e riscá-lo na parede para acendê-lo. Puxou um da caixinha – *rrrec!* Como estalou e faiscou, antes de pegar fogo! Surgiu uma luz, bem clara, e parecia mesmo uma vela quando abrigou o fogo com a mão. Sim, era uma vela bem esquisita aquela! Pareceu-lhe que estava sentada diante de uma grande estufa, de pés e maçanetas de bronze polido. Ardía nela um fogo magnífico, que espalhava suave calor. E a meninazinha ia estendendo os pés enregelados para aquecê-los, mas apagou-se o clarão! Sumiu-se a estufa, tão quentinha, e ali ficou ela no seu canto gelado, com um fósforo apagado na mão. Só via a parede escura e fria.

Riscou outro fósforo. Onde a luz batia, a parede se tornava transparente como um véu e ela via tudo dentro da sala da casa. Estava posta a mesa. Sobre a toalha alvíssima como a neve via-se, fumegando entre toda aquela porcelana tão fina, um belo ganso assado, recheado de maçãs e ameixas. Mas o mais surpreendente de tudo foi que o ganso saltou do prato e com a faca e o garfo ainda cravados nas costas foi indo pelo assoalho direto à menina. Mas naquele instante o fósforo apagou e ela tornou a ver somente a parede fria e úmida na noite escura.

Riscou outro e àquela luz resplandecente viu-se sentada debaixo de uma linda árvore de Natal! Era muito maior e mais decorada do que aquela que vira, no Natal passado, ao espiar pela porta de vidro da casa do negociante rico. Entre os galhos, milhares de velas fulguravam, além dos cartões coloridos como os que via em vitrines, ela contemplava tudo aquilo. A menininha estendeu os braços diante de tantos esplendores e, então, o fogo apagou. Todas as luzinhas da árvore de Natal foram subindo, subindo mais alto, cada vez mais alto e, de repente, ela viu que eram estrelas que cintilavam no céu. Mas uma caiu lá de cima, deixando uma risca de fogo reluzente no caminho.

— Alguém morreu – disse a pequena vendedora de fósforos.

Sua avó, a única pessoa que a amara no mundo e que já estava morta, lhe dizia sempre que quando vimos uma estrela cadente no céu é um sinal de que uma alma está subindo para Deus.



Riscou mais um fósforo na parede e desta vez foi a avó quem lhe apareceu, a sua boa avó, sorridente e amorosa, no esplendor da luz.

— Vovó! – gritou a pobre menina. Leva-me contigo, sei que quando o fósforo se apagar vais desaparecer, como sumiram a estufa quente, o ganso assado e a linda árvore de Natal!

E a coitadinha pôs-se a riscar na parede todos os fósforos da caixa, para que a avó não se desvanecesse. Eles ardiam com tamanho brilho que parecia dia e nunca ela vira a vovó tão grandiosa nem tão bela! E ela tomou a neta nos braços e juntas voaram, em um halo de luz e esplendor, mais e mais alto, longe da Terra, para um lugar onde não há mais frio, nem fome, nem sede, nem dor, nem medo, porque elas estavam, agora, com Deus.

Na madrugada seguinte a menina jazia sentada no canto entre as casas, com as faces coradas e um sorriso refrigério nos lábios. Morrera de frio, na última noite do ano velho. O novo ano iluminou o pequenino corpo, ainda sentado no canto, com a mãozinha cheia de fósforos queimados.

— Sem dúvida, ela quis aquecer-se – diziam os passantes.

Ninguém pudera imaginar que lindas visões ela tivera, nem em que glória e

júbilo tinha entrado com a velha avó para a felicidade do ano-novo.

Cinderela
Jacob e Wilhelm Grimm

Era uma vez um homem abastado cuja esposa estava muito doente. Quando ela sentiu que seu fim estava próximo, chamou sua única filha para perto e disse:

— Filha amada, se fores boa e fizer suas orações fielmente, Deus sempre a ajudará e eu olharei por você do céu, assim estaremos juntas para sempre. Então, ela fechou os olhos e expirou.

A moça visitava diariamente o túmulo de sua mãe e chorava. Como sempre fora boa nunca deixava de fazer suas orações. Quando o inverno veio e a neve cobriu o túmulo como um lençol branco e depois quando o sol apareceu no início da primavera, derretendo-a, o homem rico casou-se novamente.

A nova esposa trouxe com ela duas filhas, elas eram belas e formosas na aparência, sobretudo de corações negros e vis. E começaram tempos muito difíceis para a pobre moça.

— Essa pata-choca estúpida há de se sentar na mesma sala com a gente? – disseram as irmãs. Para comer, deve ganhar seu pão. Volte para a cozinha que é o seu lugar.

Elas tiraram todos os vestidos bonitos da moça e no lugar deram-lhe um vestido velho e cinza. E para os pés, sapatos de madeira para o desgaste.

— A princesinha orgulhosa, agora, olhe, que miserável – riram dela.

Então a mandaram para a cozinha. E lá foi forçada a fazer trabalhos pesados de manhã até à noite: levantar-se cedo antes do nascer do sol, buscar água, fazer o fogo, cozinhar e lavar. Além disso, as irmãs fizeram o máximo para atormentá-la. Zombando-a, jogavam ervilhas e lentilhas no meio das cinzas e faziam-na buscá-las. À noite, quando ela estava demasiadamente cansada com o trabalho de seu árduo dia, não tinha cama para deitar-se, era obrigada a descansar ao lado da lareira entre as cinzas. E como ela sempre parecia empoeirada e suja, foi chamada de Cinderela^[1].

Um dia o pai foi ao mercado e perguntou às suas duas enteadas o que queriam que ele trouxesse.

— Roupas finas! – disse uma delas.

— Pérolas e joias! – disse a outra.

— O que você deseja, Cinderela? – disse ele.

— Pai – disse ela –, traga-me o primeiro galho que se opuser a seu chapéu

no caminho de volta para casa, isto é o que eu quero que me traga.

Então, ele comprou para as duas enteadas roupas finas, pérolas e joias. E no caminho de volta, enquanto cavalgava por uma faixa verde, um galho de avelã chocou-se contra seu chapéu e ele quebrou e o levou para casa. Quando chegou em casa deu às enteadas o que tinha comprado e para Cinderela deu o galho de avelã. Ela agradeceu e foi para a sepultura de sua mãe. Lá plantou o galho, chorando tão amargamente que as lágrimas caíram sobre ele embebedando-o e assim floresceu e tornou-se uma boa árvore. Cinderela a visitava três vezes ao dia chorava e rezava. Cada vez que um passarinho branco sobrevoava a árvore e Cinderela proferisse qualquer desejo, o pássaro realizava tudo o que ela pedia.

Neste ínterim, o rei ordenara que fossem convidadas todas as mulheres bonitas e solteiras daquele país para um festival que duraria três dias. A festa era para que seu filho, o príncipe, escolhesse uma noiva entre todas as moças. Quando as duas enteadas souberam que também foram convidadas, sentiram-se muito satisfeitas, chamaram Cinderela e disseram:

— Penteie o nosso cabelo, limpe nossos sapatos, abotoe nossas fivelas rápido, vamos para a festa no castelo do rei.

Cinderela quando ouviu isso começou a chorar, pois ela também gostaria de ir ao baile, então pediu à madrasta para deixá-la ir.

— Oh, você Cinderela! – disse ela. Você que está sempre toda coberta de pó e sujeira, quer ir à festa? Como você pretende ir, sendo que não tem vestido nem sapatos?

Mas, como ela insistiu, finalmente a madrasta disse:

— Se você puder em até duas horas pegar todas as ervilhas que caíram nas cinzas, poderá ir conosco.

A moça foi até a porta dos fundos que dava para o jardim e gritou:

— Pombas, rolinhas e todas as aves do céu venham e me ajudem a pegar as ervilhas das cinzas. As boas coloquem no prato, as ruins joguem na plantação ou comam.

Em seguida, vieram à janela da cozinha duas pombas brancas, depois algumas rolinhas e por último uma multidão de todos os outros pássaros do céu, cantando e vibrando desceram por entre as cinzas. As pombas assentiram com a cabeça e começaram a pegar – peck, peck, peck, peck –, depois todas as outras aves começaram a colher – peck, peck, peck, peck – e colocaram todos os bons grãos no prato. Antes de uma hora estava tudo feito e voaram. Então a moça trouxe o prato para a madrasta, sentindo-se contente, e pensando que agora poderia ir à festa, mas a madrasta disse:

— Não, Cinderela, você não tem roupa adequada, você não sabe dançar e todos ririam de você!

E quando Cinderela começou a chorar, a madrasta acrescentou:

— Se você puder escolher em uma hora dois pratos cheios de lentilhas das cinzas, poderá ir conosco.

E a madrasta pensou consigo mesma:

— Ela não será capaz de apanhar tudo.

Quando a madrasta saiu, a moça foi até a porta dos fundos de frente para o jardim e bradou:

— Pombas, rolinhas e todas as aves do céu venham e me ajudem a pegar as lentilhas das cinzas. As boas coloquem no prato, as ruins joguem na plantaçao ou comam.

Então vieram à janela da cozinha duas pombas brancas, depois algumas rolinhas e por último uma multidão de todos os outros pássaros do céu, cantando e vibrando desceram por entre as cinzas. As pombas assentiram com a cabeça e começaram a pegar – peck, peck, peck, peck –, depois todas as outras aves começaram a colher – peck, peck, peck, peck – e colocaram todos os bons grãos no prato. E antes da meia-hora tudo foi feito e voaram novamente. Então a donzela levou os pratos para a madrasta, sentindo-se contente, e pensando que agora ela deveria ir à festa, mas a madrasta disse:

— Você não pode ir conosco, pois você não possui nada adequado para vestir e não sabe dançar, você nos envergonharia.

Ela virou as costas para a pobre Cinderela e apressou as suas duas filhas orgulhosamente.

Como não havia mais ninguém na casa, Cinderela correu até o túmulo de sua mãe e sob o arbusto de avelã, clamou:

— Árvore pequenina balance seus galhos sobre mim, que a prata e o ouro venham me cobrir.

Então o pássaro jogou um vestido de ouro e prata e um par de sapatos bordados com seda e prata. Apressada ela colocou o vestido e foi para o festival. Sua madrasta e irmãs não faziam ideia quem era a moça, pensavam que deveria ser uma princesa estrangeira, parecia tão bonita em seu vestido de ouro. Cinderela nunca pensou que isso pudesse acontecer com ela, e pensar que estaria sentada em casa, escolhendo as lentilhas e ervilhas das cinzas.

O filho do rei veio ao seu encontro, tomou-a pela mão e dançou com ela. Depois se recusou a dançar com qualquer outra moça e o mesmo fazia quando outros rapazes pediam para dançar com a donzela. Ele apenas respondia:

— Ela é minha parceira.

Eles dançaram até anoitecer. Quando a noite chegou, ela queria ir para casa, mas o príncipe disse que iria escoltá-la, pois esperava saber onde a bela moça vivia. Porém, ela conseguiu fugir dele e saltou para dentro do pombal. O príncipe esperou até que o pai de Cinderela chegasse, disse-lhe que a donzela desconhecida havia desaparecido dentro da casa dos pombos. O pai pensou: “Poderia ser Cinderela?”

O pai pegou seu machado e colocou o pombal a baixo, mas não havia ninguém lá. E quando eles entraram na casa lá estava Cinderela em sua roupa suja entre as cinzas, com óleo da lâmpada queimada em frente à lareira. Cinderela tinha sido muito rápida, tinha saltado para fora do pombal escapando de seu pai e do príncipe. Escondeu o vestido de ouro que usara atrás da árvore de avelã e o pássaro levou-o embora. Então com seus trapos se sentou entre as cinzas na cozinha.

No dia seguinte, quando a festa começou de novo e os pais levaram suas meias-irmãs, Cinderela foi até a árvore de avelã e disse:

— Árvore pequenina balance seus galhos sobre mim, que a prata e o ouro venham me cobrir.

Em seguida, o pássaro lançou um vestido ainda mais esplêndido do que o primeiro. E quando ela apareceu entre os convidados todos estavam espantados com sua beleza. O príncipe estava esperando até que ela veio, pegou sua mão e dançou com ela sozinho. E quando outra pessoa tentava convidá-la para dançar, dizia:

— Ela é minha parceira.

Quando a noite chegou, ela queria ir para casa. O príncipe a seguiu, pois desejava saber a qual casa pertencia, mas ela fugiu mais uma vez e correu para o jardim na parte de trás da casa. Lá estava uma árvore bem grande, com peras esplêndidas, ela pulou tão levemente como um esquilo entre os ramos que o príncipe não notou o que havia acontecido. Assim, ele esperou novamente até que o pai chegasse, disse-lhe que a moça desconhecida havia escapado dele e que acreditava que ela estava em cima da árvore de peras. O pai pensou: “Não poderia ser Cinderela?”

O pai pegou um machado e cortou a árvore, mas não havia ninguém nela. Quando entrou na cozinha lá estava Cinderela entre as cinzas, como de costume, pois ela desceu pelo outro lado da árvore, levou de volta suas roupas bonitas para o pássaro da árvore de avelã e tinha posto suas velhas roupas novamente.

No terceiro dia, quando os pais e as irmãs partiram, Cinderela voltou à

sepultura de sua mãe e disse para a árvore:

— Árvore pequenina balance seus galhos sobre mim, que a prata e o ouro venham me cobrir.

Em seguida, o pássaro lançou um vestido, como nunca tinha sido visto, tão magnífico e brilhante, e os sapatos eram de ouro.



Quando ela apareceu com o vestido na festa, ninguém sabia o que dizer de admiração. O príncipe dançou com ela sozinho e se qualquer um quisesse dançar com a moça, mais uma vez respondia:

— Ela é minha parceira.



Quando chegou à noite, Cinderela precisava ir para casa e o príncipe estava prestes a ir com ela, quando a moça correu tão rapidamente que ele não pôde segui-la. Mas ele tinha elaborado um plano e espalhou piche nas escadarias, de modo que quando ela correu seu sapato esquerdo ficou em um dos degraus. O príncipe pegou o sapato e viu que era de ouro, muito pequeno e delicado. Na manhã seguinte, ele foi até o pai de Cinderela e disse-lhe que ninguém deve ser sua noiva se não aquela cujo pé no sapato de ouro deve se encaixar. Em seguida, as duas irmãs ficaram muito felizes, porque tinham pés bonitos. A mais velha foi para seu quarto para tentar colocar o sapato e sua mãe foi com ela. Mas o sapato era pequeno demais e seu dedão não cabia, então, sua mãe entregou-lhe uma faca e disse:

— Corta o dedo do pé fora, pois quando fores rainha, não precisarás dele, nunca terás que ir a pé.

A menina cortou o dedo do pé fora, apertou o pé no sapato, engoliu a dor e desceu até o príncipe. Ele a levou em seu cavalo como sua noiva e partiu. Tiveram que passar pela sepultura da mãe de Cinderela, lá estavam os dois pombos no arbusto de avelã e clamaram:

*Rôo crôo crôo, rôo crôo crôo,
O sangue escorre do sapato "Lá vão eles, lá vão eles!"
O pé é muito grande e muito largo,
Há sangue escorrendo;
Dê meia volta e leve a sua noiva verdadeira.*



O príncipe olhou para o sapato e viu o sangue fluindo. Ele deu meia volta com seu cavalo e voltou à casa da noiva falsa, dizendo que ela não era a verdadeira e que a outra irmã deveria experimentar o sapato. A irmã mais nova entrou em seu quarto provou o sapato de ouro, os dedos dos pés ficaram confortáveis, porém o calcanhar era grande demais. Em seguida, sua mãe entregou-lhe a faca e disse:

— Corte um pedaço de seu calcanhar, quando fores rainha nunca terás que ir a pé.

A menina cortou um pedaço de seu calcanhar, enfiou o pé no sapato, calou a dor e foi até o príncipe, que apanhou sua noiva, subiram no cavalo e partiram. Quando passaram pela avelã novamente, os dois pombos disseram:

*Rôo crôo crôo, rôo crôo crôo,
O sangue escorre do sapato “Lá vão eles, lá vão eles!”
O pé é muito grande e muito largo,
Há sangue escorrendo;
Dê meia volta e leve a sua noiva verdadeira.*

O príncipe olhou para o sapato e viu como o sangue fluía a partir do pé, as meias estavam completamente vermelhas de sangue. Ele voltou à casa da noiva mais uma vez e disse:

— Esta ainda não é minha noiva – disse ele. Você não tem outra filha?

— Não – disse o homem –, apenas a minha falecida esposa deixou-me Cinderela, é impossível que ela seja a noiva. Mas o filho do rei ordenou que ela fosse chamada, entretanto interveio a madrasta:

— Oh, não! Ela é muito suja para se apresentar.

Mas o príncipe insistiu e assim Cinderela tinha que aparecer.

Primeiro ela lavou as mãos e o rosto até que ficassem completamente limpos, entrou e curvou-se diante do príncipe, que estendeu a ela o sapato de ouro. Ela se sentou em um banquinho, tirou do pé o sapato de madeira pesado e colocou o dourado, que se adequou perfeitamente em seu pé. Quando ela se levantou, o príncipe olhou em seu rosto e soube que aquela era a bela moça que dançou com ele, exclamou:

— Esta é a noiva certa!

A madrasta e as duas irmãs ficaram horrorizadas e empalideceram de raiva, mas o príncipe colocou Cinderela em seu cavalo e partiu. E novamente passaram pela árvore de avelã e os dois pombos brancos falaram:

*Rôo crôo crôo, rôo crôo crôo,
O sangue não escorre no sapato,
O pé não é muito grande nem muito largo,
Sua verdadeira noiva está ao seu lado.*



Enquanto eles saíam, os pombos voaram e pousaram nos ombros de Cinderela, um à direita, outro à esquerda e assim permaneceram.

Em seu casamento com o príncipe, as irmãs falsas compareceram na esperança de beneficiarem-se, e claro, para participar das festividades. Assim como num cortejo nupcial foram à igreja, a mais velha entrou do lado direito e a mais nova à esquerda, os pombos bicaram um olho de cada vez das duas irmãs deixando-as completamente cegas. E foram condenadas a ficarem cegas para o resto de seus dias por causa de suas maldades e falsidades.

[\[1\]](#) - O nome provém de *Cinderella*, que por sua vez origina-se da palavra *Cinder* (borralho em inglês) mais o sufixo feminino *ella*. Borralho é sinônimo de cinzas.

Sapatinhos Vermelhos
Hans Christian Andersen

Era uma vez uma garotinha bonita e delicada, mas tão pobre, que durante todo o verão, precisava andar descalça. No inverno, tinha de usar grandes tamancos de madeira, que raspavam contra seus tornozelos, deixando-os vermelhos e doloridos. Era simplesmente terrível.

No centro do povoado, vivia a Velha Sapateira que juntou algumas tiras de pano vermelho e fez o melhor que pôde para transformá-las em um par de sapatos. Eram estes bem grosseiros, mas feitos com carinho, para serem presenteados à garotinha, que se chamava Karen.

Precisamente no dia em que sua mãe foi enterrada, Karen ganhou os sapatos vermelhos e os usou pela primeira vez. Não eram os sapatos apropriados para o luto, mas ela não tinha outros. Então os vestiu em seus pés e acompanhou o pobre e tosco caixão feito de palha.

Naquele momento, passou uma imponente e antiga carruagem, e dentro estava uma nobre e velha senhora. Ela olhou para a menina e sentindo pena pediu ao pastor que lhe confiasse a órfã, prometendo que a trataria bem.

Karen pensou que tudo havia acontecido por estar usando os sapatos vermelhos. A velha senhora, porém, disse que os sapatos eram horríveis e os queimou. Karen, então, passou a andar bem vestida, teve que aprender a ler e a costurar, e todos diziam que ela era bonita. No entanto, o espelho ia além:

— És mais que bonita. És formosa!

Certa vez, a Rainha percorreu o país em companhia de sua filhinha, a princesa. As pessoas se aglomeraram em frente ao castelo e Karen lá estava também. A princesinha, em um luxuoso vestido branco, apareceu na janela para que todos a admirassem. Ela não tinha uma coroa de ouro, mas usava um esplêndido par de sapatos vermelhos feito de marroquim. É claro que era muito mais bonito do que o que a Velha Sapateira havia feito para a pequena Karen. Sim, nada há no mundo como um par de sapatos vermelhos!

Quando Karen estava com idade suficiente para ser crismada, ganhou roupas novas e também devia receber sapatos novos. O melhor sapateiro mediu seus pequenos pés e na sapataria dele havia enormes estantes de vidro, que exibiam graciosos sapatos e botinas muito polidas. Tudo parecia atraente, mas tendo em conta que a velha senhora não enxergava bem, os sapatos exibidos não lhe deram nenhum prazer. Entre os diversos pares havia um da cor vermelha que

pareciam muito com os sapatos usados pela princesa. Eram lindos! O sapateiro disse à Karen que os haviam feitos para a filha de um conde, mas não tinha servido.



— Devem ser de verniz – comentou a velha. — Vejam como brilham!

— Sim, são muito brilhantes! – disse Karen.

Os sapatos lhe serviram e a velha senhora os comprou, mas não fazia ideia que eram vermelhos. Se soubesse, jamais teria permitido Karen usá-los na sua crisma, mas foi exatamente isso o que a menina fez.

Todo mundo olhou para os pés dela. Quando Karen caminhou pelo corredor da igreja em direção ao coro, até os velhos quadros nas criptas – retratos de sacerdotes e suas esposas com colarinhos rígidos e longas togas pretas – pareciam ter seus olhos fixos em seus sapatinhos vermelhos. E só nos sapatos ela pensava quando o padre colocou a mão na cabeça e, falando sobre o sagrado batismo, o pacto com Deus, disse que dali por diante ela deveria ser uma boa cristã. O órgão soava solenemente, as crianças cantavam com doçura no coro junto com o velho cantor da igreja, mas, ainda assim, Karen só conseguia pensar

em seus sapatinhos vermelhos.

À noite, a velha senhora ouviu de todos da paróquia sobre os sapatos vermelhos. Ela contou a Karen que usar vermelho na igreja era feio e inapropriado. Daquele dia em diante, todas as vezes que Karen fosse à igreja, deveria usar sapatos pretos, mesmo que estivessem desgastados.

No domingo seguinte, Karen deveria ir para a comunhão. Ela olhou para seus sapatos pretos e depois para os vermelhos. Então, fixou para os vermelhos e os calçou.

Era um belo dia ensolarado, Karen e a velha senhora pegaram o atalho pelos trigais onde era pouco árido.

Na porta da igreja, elas conheceram um velho soldado que estava inclinado sobre uma muleta. Ele tinha uma excêntrica e longa barba que era mais ruiva do que branca. Na verdade era ruiva. Ele fez uma grande reverência e perguntou à velha senhora se poderia polir seus sapatos. Também Karen estendeu-lhe o seu pezinho.

— Vejam só esses lindos sapatinhos dançantes! – exclamou o soldado. — Que eles fiquem firmes enquanto você dança – acrescentou, dando uma palmada na sola dos sapatos.

A velha senhora deu algumas moedinhas para o soldado e entrou na igreja com Karen.

Lá dentro, todos fitaram os sapatinhos vermelhos e até os retratos olharam para eles também. Quando Karen ajoelhou-se no altar e encostou o cálice nos lábios, pensava apenas em seus sapatos vermelhos, que pareciam flutuar no cálice à sua frente. Ela se esqueceu até de cantar o salmo e também de recitar a Oração do Senhor.

Depois, todos os fiéis deixaram a igreja e a velha senhora subiu na carruagem. Quando Karen estava levantando seu pé para acompanhá-la, o velho soldado que estava por perto comentou:

— Vejam só esses lindos sapatinhos dançantes!



Ouvindo-o, Karen não conseguiu se controlar e deu alguns passinhos de dança. Mal o fez, porém, e seus pés não foram mais capazes de parar. Era como se os sapatinhos tivessem tomado o controle. Dançando sempre, ela contornou, sem querer, todo o ângulo da igreja. O cocheiro teve que perseguir e forçá-la entrar na carruagem. Mas os pés da menina continuaram a dançar, dando pontapés bem doloridos na velha senhora. Finalmente, conseguiram tirar os sapatos dela e só então suas pernas se acalmaram.

Em casa, os sapatos foram colocados em um armário, mas Karen precisava sempre ir admirá-los.

Após um tempo, a velha senhora adoeceu e foi dito que não sobreviveria. Seu estado requeria cuidados especiais e quem melhor para fazer isso do que Karen?

Na cidade, porém, estava para ter um grande baile e Karen fora convidada. Ela olhou para a velha senhora – que afinal não viveria muito –, olhou para os sapatinhos vermelhos, porque olhar não faria mal algum. E os calçou porque também não havia mal algum nisso. Então, foi para o baile e começou a dançar.

Quando Karen queria ir para direita, os sapatinhos viravam para a esquerda.

Quando queria dançar para um lado do salão, eles dançavam para o outro. Dançaram e desceram as escadas, saíram para a rua e para além do portão da cidade. Ela dançou e dançou, e a dançar era obrigada, e foi levada até a sombria floresta.

Algo brilhava entre as árvores. Karen julgou que fosse a lua, mas era um rosto, o rosto do velho soldado de barba ruiva. Ele acenou com a cabeça e disse:

— Vejam só esses lindos sapatinhos dançantes!

Karen ficou horrorizada e tentou arrancar os sapatinhos vermelhos, mas eles não saíam. Ela rasgou suas meias, mas os sapatos estavam presos em seus pés. Ela dançou e dançou, e a dançar era obrigada. Saiu dançando por sobre vales e colinas, debaixo de chuva ou de sol, de dia e de noite. À noite, porém, era mais terrível.

Dançando, sempre, Karen entrou no cemitério da igreja. Ali os mortos não se juntaram a sua dança, tinham coisa melhor para fazer do que dançar. Ela quis sentar-se numa sepultura onde cresciam ervas amargas, mas para ela não havia descanso nem sossego. Quando dançou em direção à porta da igreja, ela percebeu que estava guardada por um anjo de longa roupagem branca, com asas que lhe iam dos ombros até o chão. Sua expressão era grave e severa, e em uma das mãos segurava uma espada larga e cintilante.

— Dançarás! – disse o anjo. — Dançarás com seus sapatos vermelhos até tornar-se fria e pálida, até tua pele enrugar-se como a de um cadáver. Dançarás de porta em porta, e onde morem crianças soberbas e fúteis, baterás à porta para que te ouçam e tenham pavor de ti! Dançarás, dançarás para sempre.

— Tenha piedade! – implorou Karen.

Mas não ouviu a resposta do anjo, pois seus sapatos já a levavam através do portão, aos campos, cruzando caminhos e atalhos, fazendo-a dançar ininterruptamente.

Certa manhã, passou dançando em frente a uma porta que conhecia bem. Dentro da casa soavam salmos, e, então, ia saindo um caixão adornado com flores. Karen soube que a velha senhora falecera. Agora ela estava completamente sozinha no mundo e amaldiçoada por um anjo de Deus.

Ela dançou e dançou, e a dançar era obrigada, dançava pela noite adentro. Seus sapatos a levaram por sobre roseiras com espinhos que a deixaram coberta de sangue. Dançando através do bosque, chegou a uma casinha solitária. Lá, sabia que morava o carrasco, então bateu com seus dedos no vidro da janela e gritou:

— Venha para fora! Venha para fora! Não posso entrar porque estou

dançando!



O carrasco respondeu:

— Com certeza, você não sabe quem eu sou, sabe? Sou aquele que corta a cabeça dos maus e posso sentir meu machado ficando impaciente.



— Não me corte a cabeça! – chorou Karen. — Se você fizer isso eu não poderei me arrepender. Mas vá em frente e corte meus pés com os sapatos vermelhos.

Karen confessou seus pecados e o carrasco cortou-lhe os pés com os sapatinhos vermelhos. E, com os pés já cortados, viu os sapatos saírem dançando pelo campo afora e desaparecerem na floresta profunda.

O carrasco esculpiu pezinhos de madeira e muletas para ela. Ensinou-lhe o salmo que era cantado pelos pecadores, e depois de beijar a mão que manuseara o machado, ela saiu caminhando pelo bosque.

— Sofri muito tempo por causa desses sapatos vermelhos – disse a menina. — É hora de ir à igreja para que todos me vejam.

Saiu mancando, rumo à igreja, o mais rápido que podia e quando lá chegou, viu os sapatinhos vermelhos dançando na sua frente. Horrorizada, deu as costas e não entrou.

Passou a semana inteira entristecida e chorou muitas lágrimas amargas. Mas quando chegou o domingo, disse:

— Já sofri e fiquei de luto por tempo suficiente. Creio que sou, agora, tão boa quanto a maioria das pessoas sentadas na igreja.

Ela saiu com confiança, mas quando chegou ao portão viu os sapatinhos vermelhos dançando à sua frente. Virou-se aterrorizada e, desta vez, arrependeu-se dos seus pecados do fundo do coração.

Karen foi ao presbitério e pediu que a deixassem trabalhar ali. Prometeu trabalhar duro e fazer tudo que fosse pedido, não fazia questão de ordenado. Tudo que precisava era apenas um teto e a chance de estar com pessoas boas. A mulher do pastor teve pena dela e lhe deu serviço. Ela era prestativa e trabalhava muito. À noite, sentava-se em silêncio e ouvia o pastor ler a Bíblia. Todas as crianças eram muito amáveis com ela, mas quando falavam sobre vestidos e adereços, de como ser uma linda rainha, ela meneava tristemente a cabeça.

No domingo seguinte, foram todos à igreja e perguntaram se ela gostaria de acompanhá-los. Lágrimas rolaram dos seus olhos e olhando com pesar para suas muletas, teve que ficar. Enquanto os outros foram ouvir a palavra de Deus, ela se recolheu em seu quatinho pequeno e solitário, apenas o suficiente para uma cama e uma cadeira. Karen sentou-se com seu hinário e quando lia, com devoção, o vento trouxe até ela os sons do órgão da igreja. Ergueu sua face úmida de lágrimas e clamou:

— Ajudai-me, ó Senhor!

Num clarão de luz solar, apareceu-lhe o mesmo anjo de roupagem branca que vira na porta da igreja. Na mão onde antes ele segurava uma espada afiada, agora havia um lindo ramo verde, repleto de rosas. Tocou o teto com o ramo, que se elevou em abóbada, onde brilhava uma estrela dourada. Depois tocou as paredes, que se distenderam, e Karen viu o órgão e ouviu suas notas. Viu os retratos antigos dos sacerdotes e de suas esposas. Viu também que os fiéis estavam sentados em bancos esculpidos e cantavam salmos.

A própria igreja viera até a pobre garota, no seu pequeno quarto. Ou seria, talvez, que ela se achava, de repente, na igreja? Viu-se sentada em um banco junto com os outros do presbitério. E quando terminaram o salmo, olharam para ela e acenaram dizendo:

— Que bom teres vindo, Karen!

— Estou aqui pela graça de Deus – ela respondeu.



O órgão começou a soar e doce era o coro das crianças. Um raio de sol dourado e cálido entrou pela janela e iluminou o banco onde Karen estava

sentada. Também seu coração se preencheu de sol, de paz e alegria. Sua alma pairou pelos raios até Deus e nunca mais ninguém perguntou pelos sapatinhos vermelhos.

Nos próximos volumes:

A Bela e a Fera

A Rainha da Neve

Os Três Porquinhos

João e Maria

A Bela Adormecida

e mais!

Curta a editora Wish no Facebook /editorawish